


SABER

UFAL

ISSN 2965-5714

Vol. 6, nº 1, 2025



CORPO DE DANÇA POPULAR UNE TRADIÇÃO E FORMAÇÃO ACADÊMICA

Projeto de extensão universitária torna realidade um antigo sonho do curso de licenciatura em Dança de transformar as danças do povo em matéria-prima de estudos, práticas e transferência de saberes

Há mais de **45**
anos oferecendo
soluções
confiáveis para
ensino, pesquisa
e extensão

Conexão de
universidade e
financiadores

Gerenciamento
de projetos

Realização de
concursos

Capacitações

Eventos



www.fundepes.br

SUMÁRIO

- A arte que forma e transforma seguindo os trilhos das licenciaturas em Teatro, Dança e Música na Ufal.....**4**
- Entrevista com Otávio Cabral.....**5**
- Formar professores na dimensão da inteireza: arte, resistência e esperança no Ichca Ufal.....**12**
- Onde a arte é gestada como ciência.....**16**
- Teatro do Oprimido: formas de resistência e enfrentamento.....**24**

TEATRO



A estética **drag queen** enquanto
objeto de estudo.....**30**

DANÇA

- Dança Circular 60+: laços de saúde física e mental.....**40**



O NASCIMENTO DO **CORPO DE DANÇA POPULAR**.....**46**

- A dança como metodologia de ensino e aprendizagem.....**52**

MÚSICA



Um laboratório de violinos e gente
com **fé na música**.....**58**

- Pesquisa revela desafios da formação superior em Música no Nordeste.....**64**



Música e pesquisa **à beira do Velho
Chico**.....**70**

- O poder das artes na vida coletiva.....**76**

A arte que forma e transforma seguindo os trilhos das licenciaturas em **Teatro, Dança e Música** na Ufal

A formação de professores nas áreas de teatro, dança e música é uma missão estratégica e essencial para o fortalecimento da educação, mas é também um ato político, pedagógico e cultural. As licenciaturas em Teatro, Dança e Música da Universidade Federal de Alagoas (Ufal) assumem esse compromisso com excelência, formando professores sensíveis, críticos e comprometidos com a transformação social por meio da arte e da educação.

Nesta edição da revista Saber Ufal abrimos espaço para mostrar que, além de formar professores, as licenciaturas dos cursos de artes fazem ciência, pesquisa de qualidade, publicam artigos e desenvolvem muitos projetos de extensão, que envolvem diretamente crianças, jovens, adultos e idosos da nossa sociedade.

Queremos acender as luzes para as produções acadêmicas e artísticas dos cursos de artes, mostrando o papel importante que a universidade pública desempenha na formação de educadores comprometidos com uma educação transformadora. Valorizar as licenciaturas em artes



é reconhecer que não há educação integral sem arte, e não há arte que não seja, também, uma forma de educar.

Queremos também mostrar onde a arte é gestada como ciência e, para isso, destacamos que o Instituto de Ciências Humanas, Comunicação e Artes (Ichca) é abrigo e resistência do fazer artístico acadêmico; é lugar essencial no processo de construção estética. Em reportagens especiais, o jornalista Roberto Amorim busca quebrar o estigma de que só se produz saber científico dentro de laboratórios cheios de tubos de ensaio, microscópios e equipamentos de ponta. As práticas pedagógicas do Ichca podem ser ao ar livre, nos jardins, com aulas sobre tecido, circo, tambor e performances.

Convidamos você, caro leitor, a mergulhar nos mais diversos cenários e nos bastidores das produções dos cursos de artes. Boa leitura!

Simoneide Araújo - editora

EXPEDIENTE

UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS
Campus A. C. Simões, Av. Lourival Melo Mota,
S/N, Tabuleiro do Martins, Maceió, AL -
57072900

Reitor
Josealdo Tonholo
Vice-reitora
Eliane Aparecida Holanda Cavalcanti
Chefe de Gabinete
João Paulo Fonseca
Pró-reitora de Graduação
Eliane Barbosa
Pró-reitora de Pesquisa e Pós-graduação
Iraídes Pereira Assunção
Pró-reitor de Extensão
Cezar Nonato
Pró-reitor Estudantil
Alexandre Lima Marques da Silva

Pró-reitor de Gestão de P. e do Trabalho
Wellington da Silva Pereira
Pró-reitor de Gestão Institucional
Jarman Aderico
Pró-reitor de Infraestrutura
Felipe Paes

REVISTA SABER UFAL

Uma publicação da Universidade Federal de Alagoas sob a responsabilidade da Assessoria de Comunicação da Ufal

Capa
Renner Boldrino (fotografia)
Daniel Aubert (edição)

Conselho Editorial
Jarman Aderico
Márcia Alencar
Raniella Lima
Simoneide Araújo

Produção e edição
Márcia Alencar e Simoneide Araújo
Gerência administrativa
Raniella Lima
Reportagens
Roberto Amorim
Revisão
Mauricélia Ramos
Fotografias
Renner Boldrino
Projeto gráfico, diagramação e artes
Daniel Aubert
Disponível também no portal ufal.br
ISSN Eletrônico 2965-5714
ISSN Impresso 2965-2669

“Temos laboratórios e fazemos muita pesquisa nos cursos de arte”

Afirmção do experiente ator, pesquisador e professor Otávio Cabral combate o senso comum de que as licenciaturas em Teatro, Dança e Música da Ufal se limitam apenas a produzir espetáculos

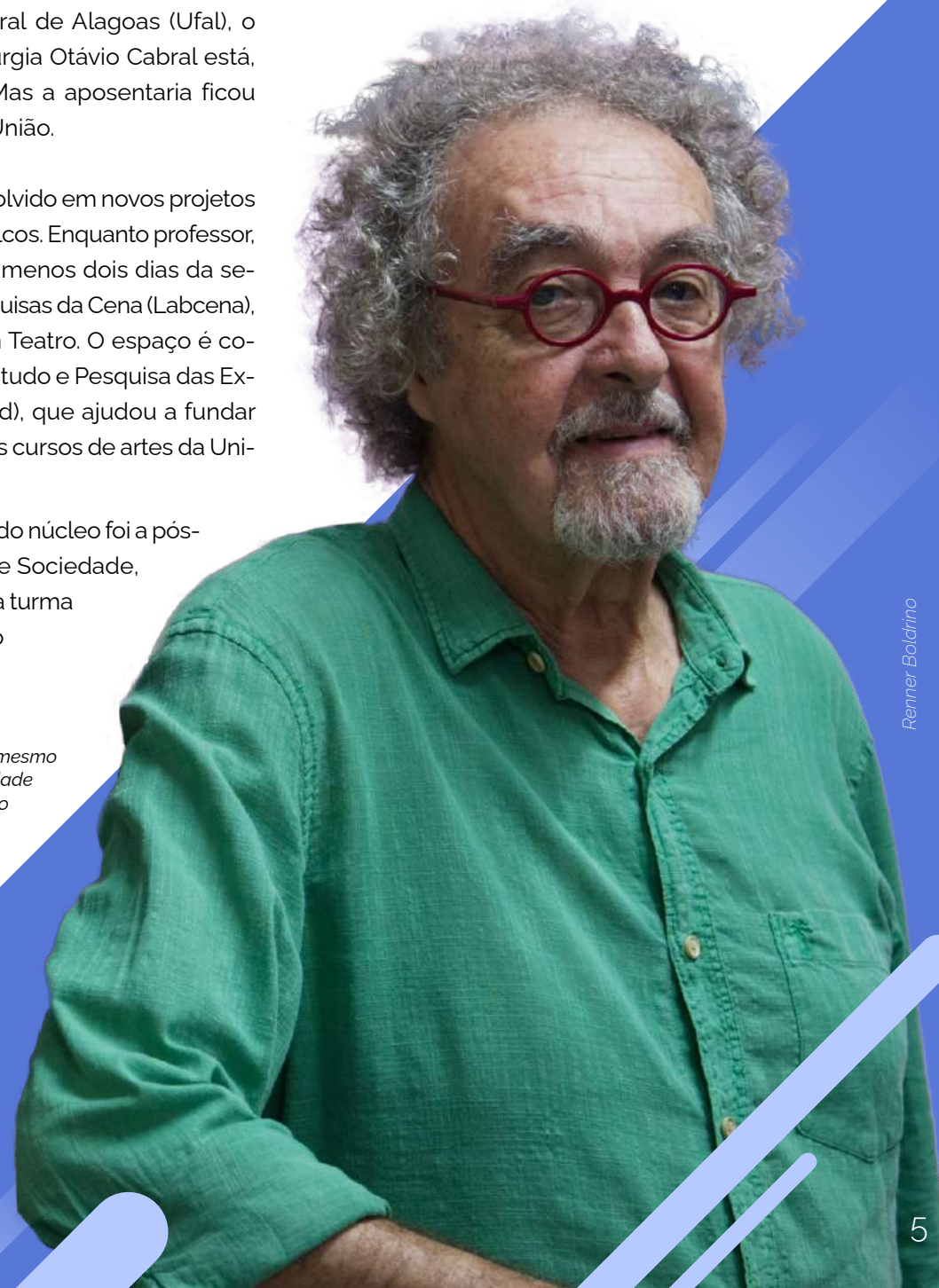
Roberto Amorim

Depois de 30 anos transitando nas salas de aula da Universidade Federal de Alagoas (Ufal), o ator e professor de dramaturgia Otávio Cabral está, oficialmente, aposentado. Mas a aposentaria ficou restrita ao Diário Oficial da União.

Enquanto ator, está envolvido em novos projetos que o levarão de volta aos palcos. Enquanto professor, é possível encontrá-lo pelo menos dois dias da semana no Laboratório de Pesquisas da Cena (Labcena), do curso de licenciatura em Teatro. O espaço é coordenado pelo Núcleo de Estudo e Pesquisa das Expressões Dramáticas (Neped), que ajudou a fundar para estimular a pesquisa nos cursos de artes da Universidade.

O fruto mais expressivo do núcleo foi a pós-graduação (*lato sensu*) Arte e Sociedade, que está formando a primeira turma e se consolidou num espaço

Professor Otávio Cabral, mesmo aposentado continua na Universidade fazendo pesquisa e formando novas gerações



Renner Boldrino

formativo onde a arte é entendida como uma ferramenta para percepção e transformação do tempo presente.

Em entrevista à revista, Otávio Cabral reflete sobre a importância da arte na constituição do ser social e seu poder transformador. Ele garante que ela possibilita a reflexão e faz com que a gente repense as próprias ações, o próprio tempo.

"A arte é lazer, é prazer; mas também é processo de educação e transformação social", afirmou Cabral, que se transformou em um dos maiores produtores e defensores da pesquisa científica no campo das artes em Alagoas.

Confira os principais trechos da conversa realizada na biblioteca setorial do curso de Teatro, nascida a partir do impressionante acervo pessoal dele e doado à Universidade "para que as novas gerações tenham o prazer de conhecer os clássicos e sentir a magia de ler um bom livro impresso no papel com as marcas do tempo".

Roberto Amorim - De que forma a arte pode contribuir na formação crítica do universitário?

Otávio Cabral - A universidade é o espaço de conhecer, discutir e refletir sobre os processos sócio-históricos e culturais da sociedade. Ou seja, possibilita o desenvolvimento de um espírito crítico bastante acentuado para enfrentar a sociedade com a qual o universitário vai conviver profissionalmente. Incentivar o consumo das manifestações artísticas é um excelente caminho, que, na minha época de estudante, era iniciado na escola. Apreciar e compreender o teatro, por exemplo, é se deparar com a realidade social no palco.

O dramaturgo, quando vai escrever uma peça, ele não escolhe o que vai escrever aleatoriamente. Não é uma coisa que cai sobre a cabeça. Dias Gomes dizia que o teatro é uma tribuna onde se discute o ser humano até as últimas consequências.

Então, a arte, em suas múltiplas manifestações, carrega esse poder de nos confrontar com a realidade, nos inquietar, nos tirar do conforto das nossas convicções e perceber que a realidade é formada por várias engrenagens que não percebemos na correria do cotidiano.

O estudante, de qualquer nível escolar e de qual-

quer curso universitário precisa da arte para o ajudar a compreender a complexidade da nossa sociedade.

RA - A arte possibilita enxergar as entrelinhas da sociedade?

OC - Toda expressão artística nasce do cotidiano dos seres humanos. Quando você vai assistir a uma peça, a um filme, ler um bom livro, ver uma exposição, você se vê refletido ali, não como espelho, mas no sentido de reflexo enquanto ser humano.

A arte possibilita a reflexão e faz com que a gente repense as próprias ações, o próprio tempo. Ou seja, cada história, cada personagem, só existe porque reflete a história real de cada espectador. Quando se oferece arte – seja no teatro, no cinema, na música ou na poesia –, se oferta a possibilidade de repensar o próprio tempo social e como estamos inseridos e nos comportando nele. A arte é lazer, é prazer; mas também é processo de educação e transformação social.

O que está faltando é oferecer mais arte. É claro que para oferecer mais numa sociedade capitalista como a nossa é necessário, primeiro, bons incentivos e ter um mercado que entenda e perceba essa importância, que seja sensível à necessidade de investir na formação integral dos nossos estudantes, e não apenas técnica.

RA - Como perceber e sentir a força da arte na correria do dia a dia?

OC - A arte não encontra limites, barreiras. Ela se manifesta e preenche nosso cotidiano das mais diversas formas. Vou dar um exemplo. O professor, Ricardo Cabús, idealizador do projeto Papel no Varal, criou também o Minuto de Poesia, em parceria com a Rádio Educativa FM, uma emissora pública mantida pelo governo do estado.

Na prática, ele faz a curadoria das poesias e convida diversas pessoas para gravar. As poesias são inseridas nos intervalos da rádio durante toda programação. Eu já gravei mais de 300 poesias.

Um dia, terminei a aula e chamei um táxi. Durante o percurso, percebi que o rádio estava sintonizado na FM Educativa. Quando começou a poesia, o motorista aumentou o volume e depois comentou que

adorava aquele momento de poesia, que o fazia pensar na vida de uma forma diferente. E, coincidentemente, era com minha voz.

Aquele cara jamais iria a uma livraria para comprar um livro de poesia, mas a arte estava chegando até ele por um outro processo, o da melodia da palavra. É uma construção artística chegando no carro, nas casas das pessoas.

Podemos até consumir sem perceber, mas a arte chega até nós na música do rádio, na TV, no cinema, nas infinitas possibilidades de consumo por meio do aparelho celular... e possibilita repensar a nossa vida, o nosso mundo. Arte é imune ao poder de arte, mas cada um reage de forma diferente diante dela.

RA - Então, deveria estar nos currículos de todas as áreas do saber?

OC - Sim! E acho que seja possível do ponto de vista pedagógico. É necessário, primeiro, que os sujeitos envolvidos nesse processo se desarmem e, juntos, pensem nas melhores estratégias para isso acontecer. Sempre partindo da formação humanística de qualquer profissional, pois ele faz parte de um organismo social vivo, complexo e mutável. A vida não é estática e vivida num laboratório, mas no convívio social. Nesse sentido, compreender as manifestações artísticas é compreender a nós mesmos.

Acho que pode haver interação da arte com todos os cursos da universidade. Depende apenas de discutir qual a melhor estratégia, de que forma a gente pode ser útil e reconhecer que os alunos precisam dessa humanidade. A arte contribuiu para a mudança da sociedade, nos tira da zona de conforto. A função social da arte é nos revelar as engrenagens dos fatos e nos levar a ações transformadoras no nosso dia a dia, ao entendimento e da riqueza e respeito à diversidade, ao justo e ao compartilhamento de boas experiências. É enxergar o outro em nós em toda sua amplitude e especificidades.

RA - E quanto às questões étnicas, raciais e de gênero?

OC - Nos tempos atuais, com essas questões sendo atacadas politicamente, a arte toma uma posição crítica, política e defensora ainda maior, inclu-

sive para dar visibilidade a quem vive um processo histórico, social, econômico e cultural de opressão e tentativas de apagamento. Estamos planejando

Acredito que a arte tem uma função muito grande para, por meio das suas produções, chamar a atenção, sacudir a sociedade para encarar e combater a homofobia, a transfobia, o feminicídio, o racismo e todas as formas de preconceito

realizar um recital de poetas palestinos para discutir a situação desumana na Faixa de Gaza. Na próxima Bienal Internacional do Livro de Alagoas, iremos apresentar e discutir a literatura africana.

Acredito que a arte tem uma função muito grande para, por meio das suas produções, chamar a atenção, sacudir a sociedade para encarar e combater a homofobia, a transfobia, o feminicídio, o racismo e todas as formas de preconceito. É intolerável conviver passivamente diante dessas mazelas sociais. A gente não pode permitir, não pode silenciar, não pode se acomodar. A gente tem que trabalhar todos os dias para que isso não aconteça, que desapareça. E arte é ferramenta valiosa e cirúrgica para o enfrentamento dessas questões, inclusive e, principalmente, na universidade.

RA - É essa convicção que os estudantes das licenciaturas em Teatro, Dança e Música da Ufal levarão quando forem trabalhar nas escolas de ensino fundamental e médio?

OC - Tenho absoluta certeza de que o estudante não vai sair daqui da mesma forma que entrou. Os professores procuram trabalhar essas questões sociais com uma ênfase muito grande. Com respeito muito grande. Todo dia, toda hora, nós estamos discutindo com os nossos alunos e alunas a complexidade das relações sociais numa sociedade capitalista como a nossa, com polarização política e muito desrespeito à diversidade, à diferença. A professora Ana Flávia [Ferraz, também da licenciatura em Teatro], por exemplo, acabou de realizar uma pes-

quisa em que 90% das produções audiovisuais foram realizadas por pessoas trans e negras, resultado de um processo muito sério de reflexão.

Aqui, nossos estudantes convivem num ambiente onde essas intolerâncias não são admitidas. Eles precisam estar preparados para enfrentar uma sociedade que não respeita e ainda agride quem desafia os padrões sociais determinados pela classe economicamente dominante. Com o trabalho que é feito aqui, eles irão enfrentar essas questões com mais segurança, com mais fortaleza. Tenho certeza disso.

RA - A pesquisa e a extensão são importantes para consolidar essa fortaleza?

OC - Sem dúvida. Nossos cursos são de licenciatura e não técnicos. Estamos formando educadores que utilizam as expressões artísticas para formação do cidadão. Então, temos que pesquisar, publicar, sair da universidade e dialogar com as pessoas, contribuir com o conhecimento que está sendo produzido por uma universidade pública, que tem deveres com a sociedade.

A maioria das pessoas e até da comunidade acadêmica pensa que não existem pesquisas nos cursos de Teatro, Dança e Música, que arte é só diversão e não ciência. Que não existem publicações científicas, mestrado e doutorado no universo artístico, que é tudo uma grande brincadeira. Arte é lúdico para quem consome, mas matéria-prima muito séria para quem produz, fruto de muito estudo, pesquisa e prática.

RA - Enquanto professor, qual o seu envolvimento com a pesquisa?

OC - Quando entrei no curso de licenciatura em Teatro, duas professoras estavam fazendo doutorado, Sheila Maluf e Fátima Neto, e recebiam muitas críticas porque não estavam dando aula. Não entendiam a importância da qualificação, da pesquisa para o fortalecimento do curso. Eu sempre tive uma preferência muito grande pela pesquisa, fiz poucos projetos de extensão. Também sempre procurei trazer outros professores e estudantes para o campo da pesquisa científica. Eu e professora Ana Flávia criamos uma revista para incentivarmos os alunos a escrever e publicar os resultados dos estudos. A nossa preocupação pela pesquisa nasceu de uma forma muito veemente, pois existem muitas lacunas nesse sentido sobre, por exemplo, a história do teatro em Alagoas. Só a pesquisa pode contribuir para transformar esse cenário. Os meus projetos de pesquisa sempre foram ligados à literatura dramática, com foco na produção alagoana.

RA - E a extensão?

OC - Todo ano renovo o projeto Conversa de Cobia, onde convido pesquisadores e produtores de arte em solo alagoano para bater um papo com os estudantes. Também faço leitura dramatizada para tentar despertar o interesse da plateia e surgir alguém que queira montar um espetáculo. Esses momentos podem resultar em excelentes frutos.

RA - Qual pesquisa marcou essa trajetória?

OC - Muitas. Mas lembro que assim que comecei a trabalhar na Universidade, recém-contratado, desenvolvi um projeto de pesquisa para investigar a dramaturgia produzida em Alagoas durante a ditadura militar, nos anos de repressão (1964 a 1985). Na época, a minha aluna bolsista na pesquisa foi a Lígia Ferreira, hoje professora da Ufal, e durante muito tempo dirigiu o Núcleo de Estudos Afro-brasileiros, o Neab [atual Neabi - Núcleo de Estudos Afro-brasileiros e Indígenas]. Fizemos um levantamento muito interessante. Minha ênfase maior sempre foi Alagoas. Estudar, conhecer e apresentar Alagoas às novas gerações de pesquisadores. O meu olhar científico sempre foi voltado para cá, para a arte produ-

zida aqui. Nesse processo descobrimos ótimos dramaturgos, inclusive alunos nossos que produzem com muita qualidade.

RA - Daí surgiu a necessidade da criação do Núcleo de Estudo e Pesquisa das Expressões Dramáticas, o Neped?

OC - Isso mesmo! É um espaço de discussão, reflexão e produção de estudos e pesquisas voltados para as manifestações da arte e conexões entre as diferentes expressões artísticas e dramáticas, especialmente o teatro, o cinema, a dança, a performance e a literatura. O grupo acolhe pesquisadores e pesquisadoras de diferentes perspectivas a fim de enriquecer o diálogo e a produção acadêmica na área.

Para isso, busca desenvolver atividades de ensino, pesquisa e extensão contando com pesquisadores de diversas áreas de pensamento. E estamos produzindo muito. Tem pesquisa em andamento em diversas áreas, como na literatura dramática, inovação no processo cênico, história do teatro, o Teatro do Oprimido e sua relação com a comunidade LGBTQIA+.

RA - É possível mensurar os resultados dessas pesquisas?

OC - A arte é imprescindível para sociedade. É só lembrar das pinturas e gravuras rupestres, que fornecem informações sobre a evolução humana, a vida dos primeiros habitantes e suas formas de expressão artística e cultural.

O principal resultado é reafirmar a importância do lugar na arte na constituição social do indivíduo. É mostrar que somos seres capazes de nos expressar e enxergar o mundo por meio das manifestações artísticas. A pesquisa é essencial, também, para consolidar politicamente nossos estudantes para enfrentar essa sociedade, que é extremamente desumana e agressiva.

Acho que a gente está dando uma contribuição muito grande para essa sociedade por meio do processo de transformação para possibilitar a construção de uma sociedade não só igualitária, mas uma sociedade livre de qualquer forma de preconceito. A arte é muito poderosa nesse sentido.



Renner Boldrino

Formar professores na dimensão da inteireza: arte, resistência e esperança no Ichca Ufal

Fernando Silvio Cavalcante Pimentel*

Em tempos de ataques e incompreensões sobre o papel da universidade pública brasileira, torna-se ainda mais urgente dar visibilidade e reconhecimento ao trabalho silencioso, mas profundamente transformador, realizado em espaços como o Instituto de Ciências Humanas, Comunicação e Artes (Ichca) da Universidade Federal de Alagoas (Ufal). Mais do que um conjunto de prédios, salas e corredores, o Ichca é abrigo de criações, pensamentos e práticas pedagógicas que têm moldado gerações de professores e artistas em nosso estado.

Enquanto professor da área de educação e que atuei como formador dos futuros professores nos cursos de licenciatura em Dança e Música da Ufal, testemunhei a potência que emana das licenciaturas em Artes ali sediadas. Os cursos de Teatro, Dança e Música não apenas promovem o domínio técnico e estético de suas linguagens, mas articulam saberes artísticos à formação pedagógica, preparando profissionais capazes de transformar o cotidiano escolar em experiências de criação, expressão e cidadania.

A formação em arte na Ufal vai além da técnica. Os futuros professores são convidados a pensar criticamente sobre seu papel social, a reconhecer a escola como território de disputa de sentidos e como campo fértil para a construção de pertencimentos. Ao entrarem nas salas de aula das escolas públicas e privadas de Alagoas, esses profissionais não carregam apenas um diploma, mas um compromisso ético com a valorização da cultura, da diversidade e da escuta.

O que faz parte, inclusive, de minha formação como pedagogo, desde o início, e que defendo é que a formação de professores deve se dar a partir de uma perspectiva holística, reconhecendo que educar vai muito além da transmissão de conteúdos. Trata-se de formar sujeitos integrais, capazes de articular razão e sensibilidade, técnica e afeto, teoria e prática. A inteireza na formação docente implica considerar os aspectos cognitivos, emocionais, corporais, éticos e estéticos do processo educativo, valorizando as múltiplas dimensões que constituem o ser professor. Especialmente no campo da arte, essa abordagem se torna ainda mais urgente, pois a atuação pedagógica requer presença, escuta, empatia e criatividade, qualidades que só podem emergir de uma formação que reconhe-



Em um estado onde as escolas carecem de espaços para o sensível, a presença de professores formados pelas licenciaturas em Artes da Ufal representa um sopro de esperança.



ce e cultiva o humano em sua plenitude.

Há quem veja com desconfiança a presença de cursos de artes em uma universidade federal, especialmente em momentos de crise. Mas é exatamente nesses momentos que a resistência do Ichca se evidencia: resistimos com dança, com música, com teatro, com educação. Cada ensaio, cada aula, cada performance é um ato de enfrentamento simbólico às violências, sejam elas estruturais, institucionais ou físicas.

Posso assegurar que o Ichca não é um luxo: é uma necessidade. Em um estado onde as escolas muitas vezes carecem de espaços para o sensível, onde a arte ainda é vista como supérflua, a presença de professores formados pelas licenciaturas em Artes da Ufal representa um sopro de esperança. São eles que organizam festivais, montam grupos de dança, regem corais, criam projetos de arte-educação e levam a linguagem artística para os interiores e periferias de Alagoas. Em muitas comunidades, são os únicos agentes culturais em atuação.

O que seria do folclore alagoano sem esses nossos professores de artes, dança e música? Provavelmente, muito de nossa memória cultural estaria silenciada, adormecida ou esquecida. São esses educadores que mantêm vivas as tradições populares nos espaços escolares, repassando saberes ancestrais, ritmos, gestos e histórias que compõem a identidade do povo alagoano. Ao promoverem rodas de coco, ensaios de pastoril, grupos de guerreiro ou estudos sobre maracatu e samba de roda, esses professores não apenas ensinam conteúdos, eles preservam heranças, despertam pertencimentos e renovam o sentido de comunidade. Sua atuação garante que o folclore não seja apenas uma lembrança nostálgica, mas uma força viva, pulsante e presente na formação das novas gerações.

A produção acadêmico-artística que floresce no Ichca é vasta e potente. Performances, espetáculos, recitais, exposições e experimentações metodológicas compõem o cotidiano do instituto. Trata-se de uma produção que dialoga com as culturas locais, que tensiona o fazer pedagógico tradicional e que propõe uma educação estética conectada à realidade social dos estudantes. Não estamos falando de entretenimento, mas de práticas (e de política) que ensinam a ver, sentir e pensar o mundo de forma ampliada.

Por isso, é preciso responder às críticas que minimizam ou ignoram a importância do Ichca com a força dos fatos: os profissionais formados aqui estão em sala de aula, em centros culturais, em secretarias de educação, transformando o ensino e a vida de crianças e jovens. Não por acaso, muitos dos projetos premiados e reconhecidos em Alagoas têm a marca dos nossos egressos.

A pedagogia da arte exige escuta, corporeidade, sensibilidade e invenção, qualidades que são cultivadas diariamente nos corredores do Ichca. Esse espaço, tão vivo quanto diverso, é também o responsável por garantir que a arte chegue às escolas como direito e não como favor, como linguagem e não como adereço. E essa é uma missão que não pode ser negligenciada.

Não tenho receio de dizer que, cada vez mais, é preciso defender a educação pública, a cultura popular, o ensino de qualidade e o futuro das juventudes alagoanas. É compreender que a arte, em sua potência criadora e crítica, deve estar no centro do projeto educativo e não à margem. É reafirmar que resistir, no contexto atual, é também dançar, cantar, encenar, formar e transformar.

A universidade pública tem muitas faces. O Ichca é uma delas, e uma das mais belas, criativas e comprometidas com o povo de Alagoas que vejo com meus próprios olhos. Que saibamos vê-la, valorizá-la e protegê-la.

* É professor do Centro de Educação (Cedu) e coordenador-geral da Coordenadoria Institucional de Educação a Distância (Cied)



TEATRO

EXPERIMENTAÇÕES ESTÉTICAS

Onde a arte é gestada como ciência

Ichca é abrigo e resistência do fazer artístico acadêmico, além de ser responsável pela formação dos professores de teatro, dança e música que povoam as escolas públicas e privadas de Alagoas

Arte de mural muda o cenário de concreto e traz leveza ao prédio do Ichca, onde a criatividade e o saber científico se encontram

Roberto Amorim

No corredor principal da Universidade Federal de Alagoas (Ufal) predomina a fileira de prédios retangulares e sérios. A disposição geométrica e austera só é amenizada pela abundância das árvores de jamelão, conhecidas também como "pé de azeitona-roxa ou brinco-de-viúva" - devido aos frutos comestíveis que tingem os canteiros de janeiro a maio.

Ao final do alinhamento monocromático, surgem as charmosas linhas retas de concreto e cores variadas, que sustentam muitas janelas de vidro e buscam a integração e a funcionalidade com o ambiente verde em seu entorno. Um exemplo da arquitetura moderna brasileira, característica de muitas construções universitárias do país na segunda metade do século 20.

É o abrigo do Instituto de Ciências Humanas, Comunicação e Artes (Ichca), onde circulam e produzem ciência dezenas de professores e centenas de estudantes dos cursos de licenciatura em Teatro, Dança, Filosofia e História. Tanta produção acadêmica não está restrita às salas de aula e a documentos científicos, mas se espalha pelas paredes externas e longos caminhos que levam aos laboratórios, espaços de criação e núcleos de pesquisa e extensão.

Percorrer o Ichca em passos tranquilos e olhar atento é quebrar a imagem estigmatizada de que só se produz saber científico dentro de laboratórios em ambientes brancos, isolados e abarrotados de microscópios, tubos de ensaio e equipamentos de alta resolução. Lá, as atividades pedagógicas são realizadas nos jardins, como aula de tecido, circo, tambor e performance no gramado. Professores e estudantes se

integram ao local num diálogo de pertencimento, transformando o espaço em lugar essencial no processo de construção estética.

Poemas, esculturas e pinturas que povoam o Ichca não são "enfeites" para animar ou distrair os transeuntes, mas a materialidade de horas, meses e até anos de leituras, análises e experimentações estéticas. Ou seja, são resultado de processos investigativos científicos que têm expressões artísticas com objeto de estudo. Muitos deles reconhecidos com excelência acadêmica, apresentados em encontros regionais e nacionais, e que se transformam em publicação de artigos e livros.

É tudo pensado, discutido, gestado e executado nos laboratórios do Ichca, que, segundo o coordenador da licenciatura em Teatro, professor Anderson

Almeida, são o pilar para o funcionamento e a qualidade da graduação, da pesquisa e da extensão. Na última avaliação do Ministério da Educação (MEC), em 2023, o curso alcançou nota 4, numa escala de 1 a 5.

"Muita gente, inclusive dentro da própria Universidade, ainda acha que estudar teatro é uma brincadeira. E não é! A gente faz pesquisa e pesquisas muito sérias, que perpassam desde a produção de um projeto e captação de recursos até a execução do trabalho, do produto em si, fruto de muito estudo e dedicação", ressaltou o coordenador, que foi aluno do próprio curso. "Nos últimos anos, demos um grande salto de qualidade. Saimos da nota 1 do MEC para 4, graças à seriedade científica do que professores e alunos fazem aqui".



Renner Boldrino

Manequim com traje que compõe o guarda-roupa cênico do Laboratório de Figurino e Adereços, o Lafia

Lugar de ressignificação das roupas

A complexidade da construção de uma narrativa teatral passa por diversos estágios; um dos mais expressivos é a construção do figurino. As vestimentas são ferramentas essenciais para contar a história da peça de forma visual, transmitindo informações sobre os personagens, o ambiente e o contexto da obra.

No Ichca, esse movimento criativo acontece no recém-criado Laboratório de Figurino e Adereços (Lafia). Em processo coletivo de construção, a sala começa a ser tomada por manequins, araras, estantes, roupas, adereços e calçados exuberantes e dramáticos à disposição dos estudantes para exercícios práticos de compreensão do processo de produção teatral

como um todo, desde a concepção até a concretização visual do espetáculo.

É um grande guarda-roupa cênico, onde a arte de vestir personagens é pensada, discutida e experimentada a partir de bases teóricas. Tudo isso, para proporcionar aos estudantes a possibilidade de desenvolver habilidades práticas na criação e na execução de figurinos, compreendendo a sua função na construção do personagem e da narrativa visual da produção.

"Teatro é uma licenciatura, mas não formamos alunos sentados em cadeiras, ouvindo passivamente os professores e olhando para o quadro fixado na parede. Nós temos laboratórios específicos para a qualidade do ensino, da pesquisa e da extensão. Inclusive, essa é uma condição expressa no projeto

pedagógico do curso e seu cumprimento exigido pelo MEC. É um curso de práticas também, mas a prática sempre atrelada aos fundamentos teóricos. É uma constante experimentação acadêmica", explicou Anderson Almeida.

Ele ressalta, ainda, que o Lafia não exerce a função de um *closet* (espaço fechado, com uma porta, utilizado para armazenar roupas e calçados). Pelo contrário, é lugar de criação, onde a arte é gestada. "O laboratório é um espaço para a experimentação e a criatividade, onde os alunos podem desenvolver seus próprios projetos de figurino e contribuir para a inovação no campo da arte teatral", afirmou.

Quando criado, o laboratório se propôs a ser um espaço físico para professores e estudantes experimentarem diferentes técnicas de costura, modelagem, pesquisa de materiais e construção de figurinos, "o que é fundamental para a formação de futuros figurinistas e profissionais da área".

Em tempos de cortes financeiros nas universidades brasileiras, o Lafia se fortalece e expande suas atividades a partir do movimento coletivo de professores, estudantes e grupos teatrais da cidade que compartilham e doam figurinos, que são ressignificados a cada processo criativo. O nascimento do próprio laboratório está vinculado a uma bolsa de mo-

nitoria e se transformou num espaço permanente e essencial para as montagens cênicas do curso.

Dessa forma, o laboratório se reafirma, também, como um espaço físico para experimentação de diferentes técnicas de costura, modelagem, pesquisa de materiais e construção de figurinos. Mayko Jeizo, ex-estudante do curso de Teatro, conta que nos laboratórios de figurino e iluminação despertou um olhar mais cuidadoso para os detalhes da cena, para o que estava por trás do palco e que é tão essencial quanto a atuação.

"Na Universidade me tornei pesquisador, artista e cresci muito enquanto pessoa. Cada laboratório, cada aula, cada processo que vivi foi fundamental para construir a base do meu trabalho hoje. Mesmo com as dificuldades estruturais, o que a gente viveu dentro daquelas salas foi potente demais porque era movido por vontade, por afeto, por troca verdadeira", disse Mayko, que atua profissionalmente como ator e professor de artes.

O Lafia expandiu suas atividades para o estudo da expressão artística e a prática da estética *Drag Queen*, por meio do projeto Draglise, e ações de diálogos e oficinas na escola municipal Doutor Pompeu Sarmento, no bairro do Barro Duro, no sentido de criação de um laboratório de figurino na própria escola.

Anderson Almeida considera o Lafia um espaço para professores e alunos fazerem experimentações e exercitarem a criatividade



Renner Boldrino

Labcena: expressões dramáticas

No longo corredor do Ichca, vigiado por esculturas de madeira, ferro e papel machê, uma das salas concentra o pensar científico de tantas produções artísticas. É o Laboratório de Pesquisas Cênicas – o Labcena. É a casa do Núcleo de Estudo e Pesquisa das Expressões Dramáticas (Neped), responsável pela produção de pesquisas teórico-práticas. A missão é desenvolver e abrigar atividades em artes da cena, com ênfase na história, na teoria e na crítica por meio de atividades de ensino, pesquisa e extensão.

Em contato constante com os departamentos de artes das universidades federais de Pernambuco e Bahia, os pesquisadores do Labcena se transformaram, ao longo dos últimos cinco anos, no farol que guia pesquisas, orientações de estudantes, iniciação científica, ações de extensão, reuniões do grupo de pesquisa, participação e organização de diversos eventos [seminários, debates, palestras], exposições, mostras, etc. Os frutos são artigos científicos, livros, TCCs, dissertações, teses e produções artísticas.

A qualidade das propostas científicas garante a aprovação de bolsas do CNPq e de outras agências fomentadoras. Na lista de investigação do Labcena estão desde a relação do Teatro do Oprimido e a cena política da comunidade LGBTQIA+ até o estudo da estética da Coleção Perseverança na memória do

acontecimento histórico do Quebra de Xangô, em fevereiro 1912, passando pela análise do cineasta português Pedro Costa e a raiz da desigualdade na dramaturgia de Sávio de Almeida.

Coordenado pelos professe Otávio Brandão e Ana Flávia Ferraz, o Labcena, surgido pela expansão das atividades do Neped, reúne pesquisadores e estudantes de diversas perspectivas artísticas do saber acadêmico, com ênfase no teatro, na literatura, no cinema e na dança. O laboratório é aberto ao público e a pesquisadores de escolas e de outras instituições de ensino que queiram mergulhar nas leituras, discussões e reflexões.

Homem de pensar e fazer teatro, Otávio Cabral afirma que a arte dos palcos orientou sua vida política e acadêmica, sempre acreditando na arte como ferramenta para construção de um mundo melhor, pois, segundo ele, o teatro “discute o ser humano até as últimas consequências”.

Professor comprometido com a sala de aula, mas também com a pesquisa e a extensão, esteve na linha de frente para a aprovação, pelo MEC, da primeira pós-graduação (*lato sensu*) em “Arte e Sociedade”, ofertada pelos cursos de Teatro, Dança e Música da Ufal.

São duas linhas de pesquisa: Arte e Sociedade: políticas e poéticas; e Arte e Sociedade: história e crítica. Segundo a professora Ana Flávia Ferraz, a es-

pecialização entende a expressão artística como um ponto crucial para se pensar a sociedade.

“Por meio de análise de produções artísticas, de momentos históricos e movimentos estéticos artísticos no Brasil e no mundo, o curso se propõe a ser um espaço formativo onde a arte seja entendida como uma ferramenta para percepção e transformação do tempo presente”, explicou Ana Flávia.

Para ela, a função dos estudos da pós-graduação é investigar o fazer artístico e seus processos de criação; refletir sobre a relação da arte com o contexto político; pesquisar técnicas, materiais, linguagens e suportes do fazer artístico; articulação de teorias sociais e políticas com contexto e fazer artístico; estudos de experimentações e poéticas artísticas.

Os 20 candidatos selecionados da primeira turma começaram as atividades em 2023 e apresentaram seus trabalhos finais no pátio da Reitoria no mês de fevereiro deste ano. Além das defesas de monografia, a semana contou com palestras, oficinas e discussões sobre a importância da arte como campo de pensamento dentro da Universidade.

De acordo com o coordenador do curso de Teatro, Anderson Almeida, a escolha do pátio da Reitoria como local das apresentações tem um caráter político. Orgulhoso dos resultados, ele adianta que o edital para a segunda turma será lançado em breve como resposta à crescente demanda por formação acadêmica na área das artes ofertadas pela Ufal.

“Estamos vivendo um momento difícil no Instituto de Ciências Humanas, Comunicação e Artes e decidimos ocupar esse espaço para mostrar que a arte não é apenas prática, mas também reflexão crítica e científica”, reafirmou Almeida, que confirma a realização, a partir das ações do Labcena, da terceira edição do Encontro Nacional de Arte das Cenas, que vai acontecer dentro da programação da 11ª Bienal Internacional do Livro de Alagoas, entre os dias 31 de outubro e 9 de novembro, no Centro Cultural e de Exposições Ruth Cardoso, em Jaraguá.

Para subsidiar reuniões, leituras e reflexões, o Labcena ganhou biblioteca especializada a partir da doação do acervo de centenas de livros e documen-

tos do professor Otávio Cabral, reunido ao longo de décadas de estudos e pesquisas. Aposentado, Cabral continua ativo nas atividades do laboratório como voluntário. A biblioteca vem sendo reforçada com a doação de outros estudiosos das artes em Alagoas.

O coordenador do curso ressalta que a existência da biblioteca setorial foi um dos aspectos que elevaram a nota de Teatro de 1 para 4. Nas prateleiras catalogadas, é possível encontrar clássicos, livros que foram mais editados, títulos novos e textos teatrais inéditos.

“Aqui, qualquer pessoa pode entrar, sentar e ler. Aqui nascem projetos de iniciação científica, extensão e monitoria. Tem sempre professores da especialização discutindo, orientando. É muita emoção fazer parte da revolução científica do curso”, disse, em tom emocionado, o ex-aluno e agora coordenador da licenciatura em Teatro.

Lata: cenografia e máscaras

Um dos mais antigos espaços de pesquisas e práticas acadêmicas em funcionamento no Ichca, o Laboratório Teatro de Animação (Lata) foi criado em 2010 para abrigar as investigações e experimentações do professor José Acioli Filho, morto em 2021. No início, era uma extensão do trabalho dele na pesquisa estética e construção coletiva de bonecos, máscaras e marionetes.

Lá nasceram e foram executados diversos projetos do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (Pibid), como o espetáculo *Transitando com atenção: um bom exemplo de humanização*, que fez parte, em 2016, da programação do 1º Colóquio do Laboratório de Teatro de Animação.

O grupo, formado por alunos da Escola Municipal Padre Brandão Lima, entrou em cena no pátio do Espaço Cultural Universitário Professor Salomão de Barros Lima, localizado na Praça Visconde de Sinimbu, Centro de Maceió, com bonecos e textos de cordel sobre lições de cidadania no trânsito. Na plateia estava Ana Maria do Amaral, considerada uma referên-

Em um dos corredores do Ichca, manequim com figurino criado pela equipe do Laboratório de Figurino e Adereços



cia na América Latina em teatro de animação e máscaras. Ela é professora na Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo (USP).

"O teatro de animação lida com elementos, personagens e a própria questão física dentro de uma fantasia. E essa fantasia dentro de um universo da criança e do adolescente é muito fantástica; eles se envolvem mais. É muito mais fácil, na escola, nós encontrarmos pessoas que queiram fazer teatro de máscaras porque quem aparece é o arquétipo e não a pessoa. Por isso a gente trabalha essa dualidade da própria formação do adolescente e da criança", destacou, à época, o professor e pesquisador Acioli Filho, ressaltando o desaparecimento de grupos específicos de teatro de animação em terras alagoanas. "Teatro de animação é muito lúdico, é um teatro de brincadeira, mas que também fala coisa séria".

Atualmente, o Lata expandiu sua configuração e assumiu outras formas de pensar a estética, como a produção de maquetes, cenografia e os discursos sobre o figurino e os adereços. É multifuncional e está sempre aberto. É sala de aula da pós-graduação em Arte e Sociedade. É lugar das reuniões dos grupos de pesquisa e extensão. É ateliê onde ganham vida os processos de construção das montagens na grande mesa com ferramentas de trabalho como tecidos, refletores, acessórios, tesouras, papel, pistola de cola quente...

"É no Lata que aprendemos que é preciso fazer o melhor com o que temos à nossa disposição; que vontade de fazer, criatividade e muito trabalho resolvem qualquer problema. Não temos tudo o que gostaríamos, mas transformamos tudo do nosso jeito. Teatro é isso e temos que aprender com a nossa realidade, e não ficar esperando as condições ideais para o produzir", disse a aluna de Teatro, enquanto lê poesias presas a um emaranhado de cordões fixado entre duas colunas externas de concreto no Ichca.

Ela conta que tomou a decisão certa ao largar o curso de Direito para fazer Teatro, apesar das reclamações e previsões financeiras pessimistas da família e de amigos próximos: "Antes de mudar, visitei as instalações do curso, conversei com professores e estudantes. Algo mudou dentro de mim, adoro esse

lugar e o clima constante de ebulição artística. Aqui estudo, produzo ciência e faço práticas acadêmicas como em qualquer outro curso como Medicina, Matemática e Computação".

O Lata está em novo processo de expansão e, agora, incorpora o antigo espaço onde funcionava a sala da xerox do Ichca. Local de passagem e interligação, está em processo de transformação para produção de bonecos, manipulação de massas, técnicas de papel machê, marchetaria, entre outras. As pias e bancadas chegaram e estão em processo de instalação.

Também será instalado o que no teatro é chamado de "empanada". É a estrutura onde o bonequeiro se esconde para manipular os bonecos, criando a ilusão de que eles estão vivos. É uma tenda, uma faixa ou estrutura que delimita o espaço de atuação dos bonecos e oculta o bonequeiro, permitindo que o público se concentre na performance dos bonecos.

"Como é um lugar aberto, ventilado e de grande circulação, a proposta é retirar essas grades da janela e transformar numa grande empanada. O lugar é perfeito, pois tem gente passando o tempo todo. Ou seja, já temos plateia garantida para as montagens de teatro de bonecos", explicou o coordenador do curso, Anderson Almeida, que também ressalta o importante trabalho realizado pelo Grupo de Pesquisa Brincantuar Artífices Cênicos, responsável por pesquisar a teoria e a prática da arte da interpretação teatral com suas semelhanças, relações e intersecções com a arte de brincar da cultura popular brasileira e suas tradições, com ênfase no circo e suas vertentes e na palhaçaria, sob o comando do professor Ivanildo Piccoli.



Renner Boldrino

Sala Preta é o nome dado ao Laboratório de Encenação, uma grande caixa cênica com capacidade para receber 200 pessoas

A nova Sala Preta

A nova conquista do inquieto e persistente coordenador do curso é a criação do Laboratório de Encenação, ou a Sala Preta, como costuma ser chamado o espaço de criação e experimentação cênica. É um ambiente onde os estudantes são incentivados a desenvolver sua expressividade, trabalhar a improvisação e explorar diferentes linguagens teatrais, frequentemente com uma abordagem que valoriza a autonomia.

A grande caixa cênica já está pronta e começa a ser preenchida com arquibancada para quase 200 pessoas, montagem do palco, trilho de luz e cabine de som. No espaço também irão funcionar os laboratórios de iluminação, maquiagem e sonorização para atender às exigências das disciplinas específicas do processo de preparação de um espetáculo em todas as suas dimensões. Já foram adquiridas mesas de som, iluminação específica, espelhos, bancadas e cenografia.

Além de atuarem, o recém-criado Laboratório de Encenação vai possibilitar aos estudantes a integração com os outros laboratórios com a criação de figurinos, cenários, sonoplastia, comunicação e outras áreas da produção teatral.

"A Sala Preta vai oferecer um espaço para a experimentação coletiva de diferentes técnicas, estilos e abordagens teatrais, permitindo que os alunos se expressem livremente. O objetivo é desmistificar a ideia de teatro como um palco formal e abrir um leque de possibilidades para a expressão artística", afirmou o coordenador Ednaldo Almeida, sem conter a alegria do antigo sonho realizado. "Essa sala é fruto do entendimento e da cooperação entre os cursos de Teatro, Filosofia e a direção do Ichca. Transformamos salas de aula comuns num espaço contínuo de gestação e apresentação artística".

E não é só. O próximo passo é avançar em direção à institucionalização de uma galeria num espaço que já vem sendo utilizado para exposições, instalações e performances dos cursos do Ichca. O ambiente já se transformou no terreiro de Mãe Marcelina, em referência ao Quebra de Xangô, no cenário da Paixão de Cristo, exposição de imagens e audiovisual.

"O espaço já existe e está ocioso. Esperamos apenas darmos sentido a ele por meio de mostra de vídeos, fotografias, instalações e performances. Uma galeria de arte em constante movimento e à disposição de todos. Já lançamos a proposta para a direção do Ichca e aguardamos boas notícias".

Teatro do Oprimido: formas de resistência e enfrentamento

Pesquisa aplica metodologia criada por Augusto Boal para acessar, expelir e transformar em reflexão crítica as dores da opressão vividas por pessoas da comunidade LGBTQIA+

Roberto Amorim

Os 21 anos da ditadura militar no Brasil tentaram calar as vozes contrárias ao autoritarismo instalado com a deflagração do golpe de 31 de março de 1964. Polícia e Exército prenderam, torturaram e mataram centenas de pessoas. Outras dezenas foram expulsas do país. É nesse contexto de violência, silenciamento e exílio que o teatrólogo Augusto Boal (1931-2009) desenvolve a própria metodologia, que, não por acaso, é batizada de Teatro do Oprimido (TO).

Ele parte do entendimento de que toda atividade humana é política. Então, o teatro é, necessariamente,

política. O TO nasce como uma forma de resistência e de enfrentamento à repressão e à censura por meio da conscientização social, transformando o espectador em um ator ativo na peça.

Em vez de apenas observar, o público é convidado a interagir e a alterar a ação dramática, promovendo uma reflexão crítica sobre a opressão e a necessidade de mudança.

O Teatro do Oprimido se tornou um método reconhecido internacionalmente, com grupos e artistas em diversos países utilizando suas técnicas. A obra de Boal foi traduzida para mais de 20 idiomas e adap-

tada a diferentes contextos culturais, tornando-se um instrumento de resistência e transformação. O método é usado para abordar uma ampla gama de temas, como direitos humanos, luta por terra, violência e desigualdade.

Em Maceió, no ano de 2022, a força do método teatral se transforma na força motriz do projeto de pesquisa *Cena Política: a comunidade LGBTQIA+ e o Teatro do Oprimido*, do curso de licenciatura em Teatro, da Universidade Federal de Alagoas (Ufal). A proposta continua a mesma da época do Boal: o uso do teatro numa perspectiva política, ética, social e estética como ferramenta de transformação social.

“Com a pesquisa buscamos compreender as lutas que a comunidade LGBTQIA+ enfrenta, desde sempre, em uma sociedade marcada pelo preconceito, trazendo o TO para potencializar o debate sobre a temática e procurando lançar luz a esses assuntos invisibilizados pelo estigma e preconceito”, definiu a professora Ana Flávia Ferraz, coordenadora do projeto.

De acordo com ela, a investigação científica partiu de alguns questionamentos: Como o Teatro do Oprimido pode provocar novas formas de ver, sentir e lidar com o mundo? Como contribuir com o debate qualificado acerca dos temas que atravessam as pes-

soas LGBTQIA+? Como desconstruir discursos estereotipados e preconceituosos? Como refletir sobre o passado e ensaiar a transformação no presente?

No processo de busca dessas respostas, o estudante Antônio Gueiros, bolsista do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (Pibic), assumiu protagonismo. As motivações para a construção do projeto surgem, justamente, das inquietações dele. Um aluno focado e muito dedicado ao estudo do teatro criado por Boal.

“Com o aprofundamento dos estudos, percebi a possibilidade, ou melhor, a necessidade de utilizar as ferramentas e metodologia de Augusto Boal na criação de espaços acolhedores, respeitosos e seguros para a interlocução com a comunidade LGBTQIA+. Espaços de pertencimento para tratar de situações de opressão, de expor dores, mexer em feridas que pensávamos ter sido cicatrizadas. Momentos para expelir tudo que dói e que está guardado há muito tempo”, explicou Gueiros.

Esses espaços, momentos, falas e gestos foram chamados de oficinas Germinar, que tiveram um longo processo de pesquisa para tomar forma e se transformar em ação prática do projeto. Professora e estudantes mergulharam fundo nos alicerces teóricos

As oficinas coordenadas por Gueiros revelaram os desafios da aplicação de técnicas e jogos do TO





Antônio Gueiros, aluno dedicado ao estudo do teatro criado por Boal

do Teatro do Oprimido. Foram horas e horas de leituras individuais e coletivas, discussões, análise de documentos, artigos e outras iniciativas práticas da metodologia desenvolvida nos anos de exílio de Boal em países como Argentina, Equador, Paris, Portugal e Peru.

Entre as obras basilares para construir as oficinas com segurança, Gueiros aponta *Teatro do Oprimido e outras poéticas, O arco-íris do desejo: método Boal de teatro e terapia e Jogos para atores e não atores*.

Segundo ele, essa etapa foi essencial para, a partir dos ensinamentos deixados por Boal, construir a melhor metodologia e plano de trabalho a ser executado durante as oficinas. "A proposta era acessar as marcas de situações de opressões vividas pelos participantes da comunidade LGBTQIA+. É uma questão muito séria e delicada. Não poderíamos fazer sem a segurança da consistência teórica dos nossos procedimentos e objetivos durante as oficinas".

Falas, gestos e gritos

Na prática, as horas de oficinas revelaram os desafios da aplicação do conjunto de técnicas e jogos teatrais do Teatro do Oprimido, que visam à conscientização e à transformação social por meio da arte. Os exercícios guiados por Gueiros buscavam estimular a reflexão, a expressão e a ação em relação a questões sociais e de poder.

As técnicas são projetadas para que os participantes, por meio da experiência teatral, possam compreender e refletir sobre as relações de poder e as opressões vivenciadas. Os participantes são incentivados a expressar suas emoções e a desenvolver a empatia com os outros.

"Nosso plano de trabalho nas oficinas consistia em caminhar, com carinho e respeito, até chegar a esses lugares de opressão, explorando todas as possibilidades do corpo LGBTQIA+. Acessar o lugar onde

dói e reverter essa situação no campo da poesia, da arte", explicou Gueiros, que realizou oficinas na Ufal e na Escola Técnica de Artes (ETA). "Foram experiências incríveis de escuta, de descobertas, de revelações, de autoconhecimento. Se sentirmos que não estamos sozinhos, teremos segurança para compartilhar muitas vivências de opressão".

Para isso, os exercícios praticados nas oficinas buscaram libertar o corpo e a mente dos padrões e mecanismos sociais, permitindo que os participantes se expressassem de forma mais livre e criativa. A democratização da linguagem teatral é outra característica marcante do Teatro do Oprimido, permitindo que os participantes pudessem se apropriar dela para expressar suas experiências e transformações.

Nas rodas de conversa, surgiram outras questões que também afetam os corpos LGBTQIA+, como violência sexual e racismo. "Em alguns momentos vinha o descontrole no choro e era preciso intervir com empatia, confiança e muito carinho. Saber guiar os exercícios do Teatro do Oprimido é essencial, pois estamos lidando com as duras marcas da opressão",

revelou Gueiros.

Para alcançar os objetivos, ele aplicou diversas técnicas como o Teatro-Fórum (o público é convidado a intervir em uma cena teatral, substituindo os atores e propondo alternativas para resolver o conflito); Teatro-Imagem (problemas e questões são retratados utilizando a linguagem não verbal); Teatro-Jornal (as cenas são baseadas na leitura de notícias, estimulando a reflexão sobre a realidade); Teatro-Invisível (a cena de opressão é realizada em um local público, sem que os presentes saibam que se trata de teatro) e o Teatro Legislativo (os participantes escrevem propostas de leis a partir dos temas e cenas encenadas).

As oficinas duravam cinco dias. No último encontro era aplicada a técnica do Arco-Íris do Desejo: recriar uma situação de opressão e falar, naquele momento, tudo que não foi possível dizer na vivência real do sofrimento. "É preciso expelir todo o sofrimento causado pela opressão para nos fortalecer, por meio da reflexão crítica e do enfrentamento dos opressores".

Equipe participante de oficina ministrada por Antônio Gueiros, uma experiência de escuta, descobertas, revelações e autoconhecimento



A semente germinou

Após as oficinas, o projeto é renovado e entra na fase de transformar toda a vivência, registros (fotografia e audiovisual), escrita científica e apresentações em seminários nacionais e internacionais em documentário, que está na fase de edição e deve ser lançado ainda este ano.

Na segunda etapa, o Germinar ganhou o reforço do estudante Cled Alzir, que no ano anterior tinha participado das oficinas e retornou ao projeto como pesquisador. Para ele, a experiência foi muito além do amadurecimento acadêmico, com publicação em revista científica, apresentações e certificados. Foi um processo de autoconhecimento e tomada de decisões pessoais.

"Meu processo durante a oficina foi uma mon-

tanha-russa. Eu me senti despido, acessado, atravessado, exposto de uma forma como nunca tinha sido antes. Trouxe à tona questões que pensei terem sido resolvidas, sanadas, curadas. Foi muito impactante porque revisitei dores, traumas, situações e algozes que achava que já não me amedrontavam. Nesse processo, a gente reflete sobre nós, sobre o outro e, principalmente, como iremos desatar os nós para seguir em frente", contou Alzir.

São justamente essas histórias de transformações, a partir da aplicação das teorias e técnicas do Teatro do Oprimido, que o documentário quer revelar e inquietar o espectador. Híbrido, o braço audiovisual do projeto é constituído de reconstituições ficcionais, registros reais das oficinas e entrevistas com os participantes.

Animado com a germinação de tantas sementes, Gueiros ressalta a importância do investimento na

pesquisa para investigar fenômenos sociais que afetam a vida de milhares de pessoas, que a ciência positivista não quer enxergar.

"O Germinar prova ser possível transformar um desejo num projeto, um projeto em realidade e transformar a vida das pessoas envolvidas. Uma construção coletiva com total entrega, com trocas genuínas e verdadeiras, questionando e investigando de maneira séria e respeitosa".

Assim como as oficinas, afirma o pesquisador, a experiência no Pibic consolidou seu caminho para o exercício da profissão de professor. Se no início dos trabalhos estava inseguro com a aplicação da metodologia, registro, coleta e análise dos dados, agora, garante que a potência da experiência provocou o amadurecimento enquanto pesquisador, cidadão e futuro professor.

"O solo que decidimos germinar é um solo muito difícil, seco e indiferente à diversidade. Um solo cravado de raízes de preconceito, homofobia, machismo e extremismo religioso. Mas provamos que é, também, um chão que pode brotar esperança, onde podemos mostrar nossas potencialidades para quem quer nos calar".

Gueiros reafirma o poder transformador do Teatro do Oprimido ao revelar que a potência está nas trocas sociais, na comunhão das vivências, no ouvir o outro, no enfrentamento coletivo das formas de opressão, na dor transformada em amor.

"Não sou o mesmo. Esta experiência não me transformou apenas enquanto pertencente à comunidade LGBTQIA+, me transformou enquanto ser humano. É assim que quero exercer minha profissão, ser um professor que contribua para a transformação de vidas", assegurou.

Professora Ana Flávia, coordenadora do Laboratório de Pesquisas Cênicas, o Labcena, e do projeto de pesquisa Cena Política: a comunidade LGBTQIA+ e o Teatro do Oprimido



A estética **drag queen** enquanto objeto de estudo

Único no Brasil, o Núcleo de Visualidades em Performance Drag Queen, retira da periferia acadêmica e transforma em ciência e prática pedagógica a complexa arte drag e sua função questionadora dos padrões de gênero e beleza

Renner Boldrino

Alycia Ryos, personagem do estudante Allan Covausky, um pesquisador do curso licenciatura em Teatro e arte-educador

Roberto Amorim

A busca pelo saber científico no curso de licenciatura em Teatro da Universidade Federal de Alagoas (Ufal) não está preocupada em reproduzir estereótipos de gênero, sexualidade, raça, etnia ou formas de se vestir. Pelo contrário. A preocupação é justamente identificar e investigar a potencialidade científica de expressões artísticas colocadas à margem do universo acadêmico tradicional e excludente.

Um bom exemplo dessa quebra de paradigma é o Núcleo de Estudos e Visualidades em Performance *Drag Queen*, o Dralise. É o único no país a transformar a estética *drag* em objeto de estudo e realizar diversas ações acadêmicas e de diálogo com a sociedade, sempre com foco na ruptura de preconceitos e na compreensão da beleza e da complexidade do trabalho das *drag queens*.

Na Universidade Federal Fluminense (UFF) e na de Santa Catarina (UFSC) existem laboratórios de prática de performance *drag queen*, mas não de aprofundamento de estudo desta estética, com geração de textos científicos e trocas extensionistas como acontece na Ufal.

A estética de uma *drag queen* é, geralmente, definida como uma expressão artística e performática que se manifesta por meio da maquiagem, do vestuário e do cabelo, com a intenção de exagerar e questionar os padrões de gênero e beleza. É um processo de transformação que permite à *drag queen* criar uma personagem única e expressar sua individualidade e criatividade.

"Nosso movimento é no sentido de não apenas nos debruçar sobre as questões conceituais e históricas, mas unir e movimentar discentes e profissionais externos à universidade sobre o ser e o fazer a arte *drag*", explicou o estudante Allan Covausky, que há mais de uma década se transforma na artista Alycia Ryos.

"Na vida, aprendi a ser *drag*; aqui, na sala de aula, aprendi que o que eu faço não é só entretenimento; é arte, é um movimento estético secular e que precisa ser estudado e registrado como qualquer outra forma tradicional de arte".

Coordenado pelo professor Anderson Almeida, o Draglise nasceu do silenciamento do curso sobre a existência em Alagoas do lugar de arte performática das *drags*, “ainda enxergadas até hoje como pura ‘fechação’, diversão e, muitas vezes, prostituição, sem valor artístico, inclusive para fins de remuneração. Trabalhamos para desconstruir essa forma marginalizada e provar, cientificamente, que fazer *drag* é fazer arte, é ser artista profissional”.

Ele conta que a primeira chamada pública para montar a equipe do Draglise surpreendeu por atrair estudantes não só das licenciaturas em Teatro e Dança, mas de outros cursos como Farmácia, Ciências Sociais, Filosofia e História. O professor garante que o nascimento do núcleo foi um processo coletivo e democrático, desde a escolha do nome e logomarca até as linhas de pesquisa e ações práticas.

“Não reunimos apenas estudantes interessados na arte performática *drag*, mas pesquisadores dos processos para esta arte existir, como o conceito da persona, figurino, maquiagem, desenho, costura, trilha sonora, etc. Nesse sentido, o Draglise promove intercâmbio e se apropria dos saberes produzidos nos outros laboratórios do nosso curso, como o Lafia, o Labcena, o Lata e o de Corpo”, ressaltou o professor Anderson Almeida, que comemora o surgimento de oito novas *drag queens* profissionais no curso de Teatro.

E continua: “Num estado como Alagoas, que está entre os que mais matam pessoas LGBTQIAPN+, se descobrir, assumir e trabalhar como *drag queen* não é só um ato de coragem, mas de resistência e postura política. E a universidade serve justamente para gestar e fortalecer essa resistência”.

História, memória e resistência

Os dizeres, as descobertas e as reflexões do Draglise começam a se espalhar, inspirar e tomar formas. O ex-aluno de Teatro, Ricardo Neves, transformou em monografia do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) seu processo artístico de construção da Pandora Rhayla, a partir da pesquisa da historicidade da arte *drag* em Maceió e a importância do Draglise nesse movimento de estudo desta expressão artística.

A pesquisa foi orientada pela professora Lara Barbosa Couto, defendida e aprovada com nota máxima em agosto do ano passado. “Minha investigação científica tem como propósito contribuir para desconstruir o preconceito, a desinformação e a discriminação da arte *drag queen* na sociedade e na co-

munidade acadêmica da Ufal, inclusive no próprio curso de Teatro. Esse trabalho também cumpre a missão de demonstrar a importância das ações realizadas pelo projeto Draglise, que luta pelo reconhecimento desses profissionais na cultura *drag queen* em Maceió”, explicou Neves.

Na 10ª Bienal Internacional do Livro de Alagoas, em 2023, ele estava ao lado das *drags* Alycia Ryos e Pântala Butterfly para discutir o tema *Teatro Político Alagoano: História, Memória e Resistência*, durante o 2º Encontro Nacional de Artes da Cena da Universidade Federal de Alagoas, promovido pelo Núcleo de Estudo e Pesquisa das Expressões Dramáticas (Neped).

O Draglise também já tem cadeira permanente numa rede de universidades públicas que desenvolvem pesquisas estéticas nessa área e está em fase

Professor Anderson Almeida também coordena o Draglise, Núcleo de Estudos e Visualidades em Performance Drag Queen da Ufal





Lady Seven, aluna do curso de Teatro, percebeu a importância da sua arte enquanto profissão e objeto de estudo

de preparação de um livro com registros da história das *drag queens* em Alagoas. A ideia surgiu a partir do acervo fotográfico do ator Pierre Pellegrine, conhecido por sua *drag* Pântala Butterfly, e um dos fundadores do núcleo quando estudava na Ufal.

Outra frente de trabalho do Draglise é reforçar suas atividades sem perder a base pedagógica norteadora das ações do núcleo, já que está inserido num curso de licenciatura e não técnico. Ou seja, todo aprendizado teórico e experimentações práticas devem servir como ferramentas didáticas e educativas aplicadas nas salas de aula de escolas públicas e particulares.

Para isso, são formados elos de interação por meio de apresentações e oficinas em escolas públicas para desconstruir a visão estereotipada de ser *drag*

e possibilitar conversas com os estudantes interessados nessa arte. Tudo é feito alicerçado no trabalho de arte-educação, respeitando o contexto da sala de aula e a individualidade de cada estudante.

“Como licenciatura, formamos para a sala de aula, para compreensão dos processos pedagógicos e as inúmeras possibilidades de trabalhos com o teatro, inclusive a estética *drag queen*. Nossa missão não é, apenas, criar novas identidades estéticas, é, principalmente, desconstruir, nas escolas, a forma clássica e fechada de enxergar e vivenciar a arte”, explicou Anderson Almeida, coordenador do Draglise e também coordenador de Monitoria da licenciatura em Teatro, que já participou de encontro internacional para discutir a arte *drag*, na Universidade Federal do Rio de Janeiro.

Personas e identidades construídas

Alycia Ryos é *drag queen*, atriz, dançarina, exuberante, ousada e reluzente. Encara desde desafio bate-cabelo até festa onde os pais revelam o sexo do bebê para os convidados, utilizando uma forma criativa e emocionante de revelar se é menino ou menina. Ela faz *Lip Sync* (show de dublagem), ensaio fotográfico e até apresenta arraiá junino. É uma das mais antigas e atuantes integrantes do Draglise e comanda o Chá das Queens, onde entrevista *drags* da cena local.

Alycia Ryos também é Allan Covausky. Universitário do Ichca, pesquisador do curso de licenciatura em Teatro e arte-educador. Publica artigos em revistas científicas, participa de mesas-redondas, palestras e seminários acadêmicos. Onde houver discussão sobre o movimento *drag queen* enquanto estética e expressão artística sempre estarão presentes Alycia e/ou Allan.

“Não podemos mais aceitar essa visão marginal de que lugar de *drag queen* é apenas em boates ou são adereços engraçados para animar festas de pes-

soas preconceituosas. Podemos e devemos ocupar espaços como as universidades, lendo, pesquisando e produzindo ciência como qualquer outro estudante”, afirmou Allan, garantindo que Alycia concorda com ele.

“Somos um só corpo, mas duas personalidades e ocupamos espaços sociais distintos. Eu sou responsável pela consciência crítica da Alycia Ryos, ela enquanto artista e dona de uma identidade estética passível de investigação científica diante da complexidade da sua persona e função social e pedagógica. Ela é a dona dos palcos e dos aplausos”.

Estudante comprometido com a pesquisa, Allan sempre está envolvido em projetos e eventos que objetivam ressignificar a percepção marginalizada e preconceituosa da arte *drag queen* e das religiões de matriz africana, como o candomblé.

O projeto Disseminando Axé, por exemplo, foi contemplado com recursos federais da Política Nacional Aldir Blanc para realização de oficinas que abordaram “a religiosidade de forma acadêmica e pedagógica, unindo referências bibliográficas à vivência da casa Asé Polossyré, num espaço de aprendizado e troca de saberes”.

Cledson Daniel, aluno do 8º período, desenvolve pesquisa que relaciona pedagogia e vertentes artísticas com a expressão drag



O professor Anderson Almeida ainda ressalta que Alycia Ryos costura, borda e desenvolve os próprios figurinos. Ou seja, ela constrói sua própria materialidade visual enquanto artista performática. "E o Allan está preocupado com o ensino e o aprendizado significativo em sala de aula, com a formação humanística, com a prática da educação e sua formação acadêmica", reforçou.

Nessa ebulição criativa e acadêmica, também está Lady Seven, que veio do município de União dos Palmares, interior de Alagoas, para estudar teatro na Ufal e descobriu que ser *drag queen* não é motivo de chacota, como acontecia na cidade onde morava. Pelo Draglise, percebeu a importância da sua arte enquanto profissão e objeto de estudo de um curso superior na maior e mais importante universidade do estado.

Alycia Ryos costura, borda e desenvolve os próprios figurinos



"Hoje tenho orgulho de ser *drag*, compreendo o que é ser *drag* enquanto artista e consigo rentabilizar meu trabalho enquanto aprofundo meus estudos", celebrou Lady Seven, que atua na performance, música, maquiagem, figurino e já realizou a oficina *Brilhe como uma drag*.

No 8º período do curso, Cledson Daniel não é dos palcos, mas dá show na pesquisa que relaciona pedagogia e vertentes artísticas como a expressão *drag*, com ênfase nos movimentos de criação e estudos do Draglise. Ele investe na teorização, referenciando cientificamente os caminhos acadêmicos dessa arte que existe há muito tempo, mas, assim como outras expressões não tradicionais (RAP, grafite, dança de rua), ainda circula num campo periférico de estudos.

"*Drag queen* não é só brilho. É muito estudo, muita experimentação. Tem design, tem moda, tem conceito. E a universidade nos proporciona esse olhar respeitoso com essa arte; que não é só diversão, é um movimento estético que merece nossa admiração", disse Daniel, que realiza oficinas de costura em escolas públicas. "A procura é imensa. Abri dez vagas e apareceram 60 interessados".

Como futuro professor de teatro, ele ressalta que é preciso compreender a arte *drag* em sua amplitude para, só depois, apresentá-la nas escolas. Segundo Daniel, é preciso se perguntar: Será que eu sou realmente *drag*? Estou preparado para montar uma oficina? Como apresento essa linguagem para os estudantes?

"Estamos num curso de licenciatura e nosso trabalho será nas escolas, mostrar aos estudantes a importância e a seriedade de todas as manifestações artísticas produzidas, desde as clássicas até as nascidas na periferia como expressão de resistência à opressão aos discursos dominantes", atestou Daniel, com a certeza teórica e a vivência prática do que está afirmando.

E justifica: "Por isso, temos que aprofundar nossos estudos para ter segurança na abordagem com crianças, jovens e adultos em sala de aula. E só a universidade nos prepara para esse enorme desafio".

Lady Seven, veio do município de União dos Palmares, interior de Alagoas, para fazer Teatro na Ufal





DANÇA



VIVÊNCIAS CORPORAIS

Dança Circular 60+: laços de saúde física e mental

Projeto transforma a vida de 32 mulheres que se reconectaram com seus corpos por meio da música, dos movimentos e da confiança mútua

Roberto Amorim

Início da tarde de uma sexta-feira do mês de maio de 2025. As cadeiras de uma sala de aula foram amontoadas no fundo para deixar um grande espaço livre. No centro, flores e pacotes coloridos. A professora aguarda a chegada das alunas para mais uma prática da dança circular.

Aos poucos, elas vão chegando. Ao lado da amiga Maria do Carmo, 71 anos, dona Maria Frutuosa, de 95, está arrumada e pronta para os alongamentos, danças, risadas e muita conversa até perto das 16h.

"Aqui é uma beleza, tudo de bom. Gosto da professora, de encontrar minhas amigas e, claro, de dançar. Todas são muito animadas e dançam muito, você vai ver", garantiu a mulher que, caminhando para um século de vida, impressiona pela lucidez e pela disposição para realizar os movimentos exigidos na aula. "A professora é ótima, mas não dá moleza não, senão vira bagunça. Essas meninas são muito danadas", falou, divertindo-se.

A alegria e o prazer de dançar de dona Frutuosa refletem no rosto e no corpo das 32 idosas que participam do projeto de extensão "Dança Circular para a Vida – Encontros de Movimentos e Integração para 60+", do curso de licenciatura em Dança, da Universidade Federal de Alagoas (Ufal).

As atividades acontecem desde 2023 sob a coordenação da professora Noemi Loureiro, que desenvolve práticas semanais para proporcionar o bem-estar físico, emocional, social e espiritual para pessoas com 60 anos ou mais por meio da milenar Dança Circular.

"O projeto propõe vivências corporais acessíveis e acolhedoras que favorecem a mobilidade, a autoestima, a memória, a convivência e o sentido de pertencimento. Com base nos princípios do envelhecimento ativo e da educação somática, os encontros envolvem acolhimento, aquecimento corporal, danças circulares guiadas e rodas de partilha, respeitando o ritmo e as potencialidades de cada participante", explicou a professora.

Segundo ela, as aulas são fundamentadas em

Roberto Amorim

autores que refletem sobre o envelhecimento e o poder simbólico da dança para integrar corpo, mente e espírito, proporcionando aos idosos experiências significativas de cuidado, alegria e conexão coletiva.

As teorias são confirmadas na prática e na fala das participantes. Gláide Ferreira, 81 anos, é uma das mais entusiasmadas com os encontros das sextas-feiras à tarde. A primeira a chegar, não perde uma dança e confessa que fica ansiosa quando o dia da aula se aproxima.

"Fico torcendo que nada aconteça para atrapalhar nossa dança circular. Melhorei muito do corpo e da mente com esses encontros. Aqui a gente alonga, relaxa, dança, brinca. É muita alegria. Volto pra casa mais leve, mais humana, mais gente".

Noemi explica que a dança circular é ancestral e contemporânea ao mesmo tempo. É uma atividade acessível, que não exige experiência prévia em dança, podendo ser adaptada às condições físicas de cada participante. "A circularidade e a simbologia dos mo-

vimentos colaboram para o resgate da vitalidade, da alegria e do espírito comunitário, fortalecendo também aspectos emocionais e espirituais fundamentais nesta fase da vida".

Com experiência acumulada em mais de duas décadas de estudo, prática e ensino da dança circular, a professora, que também é coordenadora do curso de Dança da Ufal, explica que existe um arcabouço metodológico que precisa ser cumprido para mensurar os resultados. Não é apenas dançar por dançar, de forma aleatória para passar o tempo e mexer o corpo.

São aplicados testes de movimento e questionários para verificar as medidas das ações de cada participante, montar um panorama da turma e acompanhar o desenvolvimento físico e emocional. "Existem protocolos a serem seguidos, que são repetidos no início, meio e final de cada semestre. Isso nos fornece dados sobre, por exemplo, os movimentos de sentar e levantar com mais facilidade e características do convívio social".

Essas mulheres se encontram todas as sextas-feiras à tarde, alongam, relaxam, dançam e brincam



Maria das Dores puxa o cordão em mais uma tarde de muitos movimentos na dança circular

Roda da amizade

As práticas começam com exercícios de alongamento para sentir como o corpo está respondendo aos estímulos naquele momento. Aos poucos e respeitando as limitações de cada uma das "animadas meninas", a professora avança para técnicas de relaxamento e meditação, que envolvem inspirar e expirar lentamente, no movimento do diafragma.

A meditação é feita pela narração e instruções para guiar a mente para um estado de relaxamento, frequentemente utilizando imagens mentais. Também é aplicado o relaxamento muscular progressivo: contrair e relaxar os músculos do corpo, gradualmente, promovendo a consciência da tensão e do relaxamento.

"A dança circular é baseada na confiança mútua,

no conhecimento e no cuidado com o nosso corpo. Aqui vivenciamos coreografias simples de danças circulares de diferentes tradições culturais e músicas do mundo", disse a professora. "Nosso método não é baseado na rigidez, adaptamos os movimentos às necessidades do grupo. Mas existem regras a serem seguidas e, quase sempre, preciso chamar a atenção delas para a concentração e os movimentos corretos. Se afrouxar muito, fazem a maior bagunça", contou a professora, animada com os resultados.

A cada semestre ela aumenta, gradativamente, a complexidade das coreografias, sempre atreladas às tradições culturais vivenciadas pelas estudantes 60+. Já montaram e apresentaram espetáculos de dança cigana e ciranda – uma forma de expressão cultural brasileira, especialmente popular no Nordeste, que combina música, poesia e dança de roda.

Sorridente e inquieta, Marili dos Santos, 82 anos, tem preferência pelos movimentos da dança cigana. Ela conta que quando está dançando é tomada por uma felicidade e liberdade poucas vezes sentidas na vida. "Adoro a dança dos ciganos, me sinto mais jovem, bonita e alegre. Sou viúva e não gosto de passar muito tempo em casa assistindo televisão. Sou igual aos ciganos, gosto de andar pelos lugares e conhecer gente. Faço parte de várias atividades, mas, aqui, nós entendemos melhor os nossos corpos. Bora dançar!".

A roda de dança e amizade está empolgada com os ensaios da coreografia dos ritmos dos festejos juninos. Não é tarefa das mais fáceis organizar e colocar na mesma frequência tantos corpos e cabeças diferentes. Com gentileza e experiência, a paciente professora Noemi vai mostrando os primeiros passos sincronizados: "Bora gente, presta atenção! Os comandos são estrela, ombro, palma e pé".

Caminhando de mãos dadas e em círculo num ritmo de um forró não muito ligeiro, ao sinal da professora, elas param e repetem os gestos, "estrela, ombro, palma e pé". É possível perceber a vontade de acertar os passos e provar que a coreografia vai dar certo, assim como as anteriores.

"A gente consegue sim, ninguém nos segura não. No começo é meio assim atrapalhado porque

são danças novas, depois a gente faz até de olho fechado e o povo fica de queixo caído", garantiu Maria das Dores, que preferiu não revelar a idade. "Sou nova menino, sou jovem de espírito. Dançando aqui fiquei ainda mais forte de corpo e alma. Tenho mais equilíbrio e minha cabeça está limpa de maus pensamentos graças a essa dança".

Depois dos momentos de pausa, hidratação e cuidado com o tempo de cada um, o trabalho é recomeçado. A exigência é maior para acompanhar o ritmo e fazer o movimento sincronizado. Divididas em duplas, precisam trocar de par, girar, fazer o "ombro, palma e pé" e voltar à parceira original, tudo num fluxo circular constante. Ao menor descuido da professora, a conversa aumenta e o círculo vai perdendo a harmonia. É hora de trazê-las de volta.

A professora lembra que não é preciso ter medo, pois, na dança circular, todos se apoiam em uma corrente fraterna de mãos, cuidado e equilíbrio. Todas são envolvidas pelo círculo em constante movimento. Até Vânia, responsável pela água, café e lanche, é puxada para a dança e segue circulando com as novas amigas. "Elas são maravilhosas, nos provam que idade não é barreira pra nada. Adoro as sextas-feiras, elas ocupam todo espaço com alegria e lições de vida".

Depois de um pouco mais de 60 minutos, o círculo da dança se desfaz e começa o circuito de abraços, beijos e conversa, muitas conversas. É hora de saber as novidades, ouvir alegrias e tristezas, parabenizar pelos avanços nos movimentos, chamar a atenção da amiga para se concentrar mais na hora da coreografia... São momentos tão prazerosos quanto os da dança.

"A dança, no contexto desse projeto, é muito mais do que pensar em simples execução de movimentos. É uma conexão humana que me renova a cada encontro. Está sendo um aprendizado incrível para vida, para entender mais sobre a mecânica dos movimentos que aplico na dança, além de ter me tornado amiga delas, que me acolhem com muito amor e carinho", sintetizou Noemi, que planeja aumentar o alcance do projeto e incluir mais pessoas".

Dados científicos mostram que a dança amplia consciência corporal

Os estudos sobre as danças circulares mostram que não são meramente movimentos, mas remetem a um trabalho que busca, por meio do dançar em roda, do gestual, da coreografia, do ritmo e da música, acessar a subjetividade humana e provocar vivências que possibilitem que o sensível emergja e seja compartilhado por um grupo.

A pesquisadora Imara Moreira Freire afirma que a prática de dança reduz estresse e sintomas depressivos, melhora o desempenho físico, o equilíbrio e a qualidade de vida, além de reduzir a dor. "A expressão artística gestual e a coreografia das danças são capazes de sensibilizar e promover uma ampliação da consciência corporal das participantes. Também contribuem para melhorar habilidades cognitivas, psicomotoras, desempenho físico e equilíbrio".

Nos estudos realizados com mulheres idosas, como os de Fleury e Gontijo, a prática da dança circular é compreendida como uma manifestação lúdica, expressiva e reflexiva. Ela é apresentada como uma prática que permite a expressão de sentimentos e emoções através dos movimentos do corpo, favorecendo a criatividade e a ampliação da consciência. "A dança é o primeiro testemunho de comunicação criativa, um caminho de autocompreensão, aproximação e reconexão do ser humano com o divino, onde o corpo e o movimento encontram espaço para expressão criativa".

Especialistas em dança circular apontam que a prática da dança estimula a capacidade de sonhar e a imaginação, propiciando interações significativas com a realidade externa e colaborando para ressignificação de aspectos da vida no enfrentamento de de-

saífos. O foco intenso e a atenção concentrada nos movimentos e na música criam oportunidades que favorecem o encontro consigo mesmo.

O psicanalista Donald Winnicott diz que esse reencontro com o ritmo interno possibilita a organização e a compreensão da realidade externa. Para ele, a criatividade é a base sobre a qual se constrói todo relacionamento entre o indivíduo e o mundo, pois é por meio da apreciação criativa que o indivíduo acessa o sentimento de que a vida vale a pena ser vivida.

Winnicott afirma que dançar é encontrar-se consigo próprio, é poder sentir-se real, "ter a sensação de existência promove a integração do eu, e permite a interação com o mundo a partir da espontaneidade, evitando assim que a vida seja completamente submetida à realidade imposta. Esta é uma condição indicativa de saúde".

Maria do Carmo com a professora Noemi Loureiro, coordenadora do projeto





CAPA

O NASCIMENTO DO **CORPO** DE DANÇA POPULAR

Projeto de extensão universitária transforma em realidade um antigo sonho do curso de licenciatura em Dança de transformar as danças do povo em matéria-prima de estudos, práticas e transferência de saberes



Renner Boldrino

Roberto Amorim

De agosto a dezembro de 2024, um grupo de setes estudantes ocupou as tardes de um dos laboratórios da Universidade Federal de Alagoas (Ufal). Foram horas e horas de leituras, discussões e experimentos num contínuo processo de repetições, testagens e validação.

A pesquisa não tinha como foco a descoberta de novo medicamento, elemento químico ou inovação tecnológica. O trabalho buscava compreender e preservar a própria constituição do sujeito enquanto ser social por meio das manifestações artísticas populares.

O produto gestado em um dos laboratórios do Instituto de Ciências Humanas, Comunicação e Artes (Ichca) foi o Corpo de Dança Popular, do curso de licenciatura em Dança, que desenvolveu metodologias ativas para afirmação da arte nascida esponta-

neamente no cotidiano de uma comunidade como objeto de estudo acadêmico.

"Enquanto licenciatura, nossa missão principal é formar professores para atuarem nas escolas. E a base da nossa matriz curricular, enquanto curso de dança, é direcionada para a ampliação do olhar sobre a cultura popular. É apresentar essa riqueza cultural de Alagoas para os estudantes. É despertar o desejo de querer criar e fazer parte de novos grupos de folguedos populares", afirmou a professora Noemi Loureiro, coordenadora da pesquisa. "É preciso conhecer e compreender a força dessas expressões culturais para gerar o sentimento de respeito e pertencimento", completou.

Nascido a partir de projeto de extensão universitária, o Corpo de Dança da Ufal surge como proposta de simbiose entre o conhecimento acadêmico e as tradições populares, promovendo a formação de artistas e pesquisadores comprometidos com a

Ítalo Vasconcelos (de óculos), neto do folclorista Pedro Teixeira, e José Carlos comandaram as pesquisas para formação do grupo

preservação e a inovação das danças tradicionais alagoanas. A produção de espetáculos e artigos científicos reforça a importância dessas manifestações, contribuindo para sua perpetuação e renovação.

Assim como animais e plantas em processo de extinção, que recebem esforços da comunidade acadêmica científica para preservação, as manifestações da cultura popular de Alagoas também correm o risco de desaparecer. O alerta é da Associação dos Folguedos Populares de Alagoas (Asfopal), que acompanha, nas últimas três décadas, o sumiço de grupos de guerreiro, pastoril, chegança, baianas e marujadas.

De acordo com a instituição criada pelo folclorista Ranilson França, em 1985, a falta de apoio do poder público, desconhecimento e desinteresse das novas gerações são as causas que podem levar à morte das expressões que refletem, de forma orgânica, a identidade e a cultura de um povo. São expressões culturais que surgem naturalmente no cotidiano das

pessoas, muitas vezes vinculadas a tradições, costumes e experiências compartilhadas.

O Corpo de Dança Popular é uma resposta concreta e incisiva a esses dois problemas. No primeiro momento, é investido dinheiro público no financiamento de bolsas dos participantes da pesquisa para, em seguida, garantir que os futuros professores transmitam esse conhecimento da arte popular dançada para os estudantes dos ensinos fundamental e médio.

"Iniciativas como essa da Ufal nos dão esperança de que podemos salvar nossa cultura popular, pois esses estudantes, quando formados, terão a oportunidade de despertar o interesse das nossas crianças e adolescentes para os folguedos. Sem isso, em pouco tempo, só iremos conhecer as danças populares pelos livros, pois os mestres estão morrendo e com eles toda a sabedoria acumulada numa vida inteira dedicada à arte", ressaltou Ivan Barsand, presidente da Asfopal.

As descobertas e os engajamentos aconteceram primeiro no próprio campus universitário. A maioria dos estudantes do curso, por exemplo, volta a atenção apenas para as possibilidades de movimentos das danças moderna e contemporânea. Dança popular era algo distante, pertencente ao passado dos pais ou avós.

"Eu nunca tinha visto uma apresentação do guerreiro e do pastoril. Não imaginei que o contato com as danças populares da minha terra seria justamente na universidade. Fazer parte dessa pesquisa mudou minha visão de mundo em relação à dança, à arte popular. Precisamos estudar, vivenciar e preservar a cultura do nosso povo. Os estudantes das escolas precisam urgentemente desse contato", ressaltou Brenda Silva Santos, que está no 6º período do curso. "Nas escolas são apresentadas apenas as danças do ciclo junino, o resto é silenciado por falta de preparo dos próprios professores, que não tiveram a oportunidade que estamos tendo de mergulhar nesse universo".

Novos mestres brincantes

Da concepção do projeto à montagem do espetáculo, passando pelas oficinas e a escrita científica, os estudantes Ítalo Vasconcelos e José Carlos estiveram na linha de frente da pesquisa e da prática para formação do Corpo de Dança Popular da Ufal. O protagonismo é resultado do esforço acadêmico de ambos em trazer para o universo do ensino superior suas vivências do contato direto com mestres e mestras da cultura popular de Alagoas.

Ítalo herdou do avô o fascínio pela arte surgida no meio do povo humilde das cidades de Viçosa e Chã Preta. Ele é neto do admirado folclorista Pedro Teixeira, conhecido não apenas pela organização de vários folguedos populares (reisado, guerreiro, baiana, taieira, pastoril, quilombo), nas décadas de 1960 a 1980, mas também exímio pesquisador da arte popular.

Pedro Teixeira faz parte da geração de intelectuais como Théo Brandão, José Aloísio Vilela e José Maria de Melo, responsáveis pelo registro (audiovisual, fotográficos e livros) da abundância de folguedos po-

pulares que se espalhavam praticamente por todos os municípios alagoanos na segunda metade do século passado.

Já José Carlos é apontado na cidade de Rio Largo como o maior defensor das expressões artísticas populares do seu município. Estuda, defende, pratica e ensina essa cultura por onde passa. A maior preocupação dele é acompanhar o desaparecimento gradual dos tradicionais folguedos do município. Não à toa, agora está engajado em despertar o interesse dos estudantes das escolas municipais pelos ritmos, danças e cores da cultura popular.

"José Carlos e Ítalo foram os catalisadores que atraíram estudantes de diversas outras vertentes da dança para o projeto. A experiência, o entusiasmo e o prazer deles em compartilhar o que aprenderam na prática e nos livros foram basilares para a formação e a solidez do Corpo de Dança Popular da nossa universidade", registrou Noemi Loureiro, que, apesar de coordenar o trabalho, fez questão de ressaltar que realizou poucas e pontuais intervenções.

Ítalo e José Carlos ainda assumiram o desafio de compartilhar a criação da coreografia do primeiro espetáculo, que teve tripla missão: ser didático, conciso e atemporal. Ou seja, em 25 minutos, teriam que apresentar os principais folguedos dos ciclos carnavalesco, junino e natalino a partir de novas interpretações e ressignificações do artístico popular.

Pela figura emblemática de dois Mateus (presente em diversas expressões como o guerreiro, o reisado e o bumba meu boi), interpretados por eles, a encenação mergulha na variedade rítmica, gestual e colorida da pulsante cultura popular do chão alagoano.

"Nosso propósito maior é revelar ao público, em especial aos estudantes, a força simbólica e a importância desses folguedos para nossa própria identidade. É despertar a vontade de querer saber mais, de querer fazer parte da cultura popular. É preciso conhecer para depois se encantar. Essa é nossa missão enquanto corpo de dança", explicou Ítalo Vasconcelos, que também é coreógrafo e coordenador-geral do grupo parafolclórico Flor da Serra, da cidade de Chã Preta.

José Carlos reforça que o processo criativo para coreografia é fundamentado nas danças, músicas e figurinos do autêntico folclore alagoano: "Nossa fonte de inspiração é a tradição viva da cultura popular transmitida de geração em geração. A partir dessa base sólida, surgiram nossas leituras e interpretações coletivas para montar o espetáculo. Cada um trouxe a bagagem cultural e vivências corporais para dar forma ao espetáculo, desde a coreografia até a trilha sonora de Hermeto Pascoal, passando pelo figurino cedido pelo grupo Flor da Serra".

Laboratórios de Corpo

Para dar unidade a diversidades de corpos e influências dos integrantes do Corpo de Dança Popular da Ufal, foram necessárias muitas horas de pesquisa, discussão e ensaios. A estudante Raquel de Oliveira, por exemplo, levou a intimidade com a dança afro para ajudar no processo de conhecimento do corpo e da pisada forte exigida das danças folclóricas, além da compreensão de que dançar é ir muito além da repetição de movimentos.

"É uma experiência que irei levar para toda minha vida. Aqui, na universidade, estamos mostrando que dança é produção de conhecimento científico, é formação crítica, é reconhecimento e pertencimento da nossa história social; e não apenas diversão como a maioria das pessoas acha", disse Raquel, que nasceu em Pão de Açúcar e veio para Maceió estudar. "Infelizmente a cultura popular ainda é vista como arte menor. Mas é justamente ao contrário. É a base para todas as outras expressões artísticas. É ancestral".

Nos registros audiovisuais das oficinas e ensaios, é possível perceber o grau de dedicação exigido para compor a complexidade dos movimentos marcantes das danças folclóricas. O ritmo sincopado do guerreiro, por exemplo, exige esforço de sincronia nas pisadas fortes e alternadas, no manejo da espada e nas mudanças de posições dos brincantes.

A dança popular, que aparentava ser de simplicidade corporal, revela certo nível de dificuldade para execução. Assim também se mostra o pastoril, que exige movimentos ligeiros e harmoniosos da mestra, contramestra e pastoras. Inspirar-se nas tradicionais

baianas e suas longas saias floridas é outro exercício de muito fôlego. Todos os movimentos são testados e repetidos várias vezes sob os olhares atentos e intervenções de Ítalo e José Carlos.

Eles são unânimes ao afirmarem que não existem facilidades para executar coreografia inspirada nos folguedos populares, pois a beleza e a perfeição dos grupos tradicionais vêm de anos de prática que, na maioria das vezes, começa ainda na infância, além do prazer da dança aprendida com avós, pais e vizinhos.

Cleane da Silva, apesar da experiência com a dança afro e coco de roda, diz que foi desafiada pela proposta dos coreógrafos. "Não conhecia o guerreiro e o pastoril, mas achei que seria fácil. De jeito nenhum. Apreendi que cada dança folclórica requer habilidades específicas do nosso corpo para acompanhar o ritmo e valorizar o figurino. A melhor parte é que, devido às pesquisas, sabemos exatamente o que estamos fazendo".

A coordenadora da pesquisa, professora Noemi Loureiro, evidencia os resultados acadêmicos da empreitada de constituir, do zero, a Corpo de Dança Popular da Ufal. Segundo ela, o grupo mergulhou profundamente na teoria e na prática dos folguedos populares, deixando uma carga de conhecimento que será aplicada nas escolas por onde passarem, além de aprenderem a construir ciência de maneira coletiva, respeitando todas as vozes e corpos e, principalmente, trazer a cultura popular alagoana para um lugar de destaque dentro do circuito acadêmico da Ufal.

Ela adianta, ainda, que depois desse grande laboratório social, o próximo passo da pesquisa é a transferência desse conhecimento para as escolas públicas e comunidades de Maceió por meio de conversas, oficinas e apresentação do espetáculo. "A dança é um instrumento de transformação social, de quebra de paradigmas. É isso que estamos fazendo".



Renner Boldrino

Inquietação de Fabianne Cristinne levou à construção do projeto Brinquedança, que envolveu crianças de escolas públicas e universitários

BRINQUEDANÇA

A dança como metodologia de ensino e aprendizagem

Projeto oferece novos caminhos na formação escolar de crianças e adolescentes e na valorização do corpo como um território de saberes, expressões e afetos

Roberto Amorim

Desde 2016, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação não deixa dúvida: o ensino da dança é um componente obrigatório da educação básica. Ou seja, os cursos de licenciatura em Dança das universidades devem preparar os futuros professores para lidar com crianças e adolescentes, incluindo os movimentos corporais como ferramenta de ensino-aprendizagem.

Na Universidade Federal de Alagoas (Ufal), o desafio maior era como realizar essa prática pedagógica entre as crianças do ensino fundamental durante os estágios curriculares. No 5º período do curso, a estudante Fabianne Cristinne percebeu que, apesar da obrigatoriedade, ainda há escassez de materiais e propostas metodológicas adaptadas à realidade da infância e da adolescência.

Ficou martelando esse problema e uma pergun-

ta recorrente não saía da cabeça: como poderia contribuir para a formação dos discentes do curso de licenciatura em Dança da Ufal, no sentido de facilitar suas vivências nos estágios da educação infantil e do ensino fundamental?

Transformou a observação em inquietação científica e, sob a orientação da professora Noemi Loureiro, construiu o projeto Brinquedança. Depois de muita leitura, discussões e experimentação, o resultado foi a criação de estratégias metodológicas para construção de jogos e brincadeiras para o ensino da dança como ferramentas de apoio à formação docente, proporcionando um caminho mais acessível, criativo e significativo para os futuros professores de dança.

"A pesquisa adotou uma abordagem qualitativa, com base na revisão bibliográfica sobre o brincar e os jogos no contexto pedagógico. Depois partimos para as práticas experimentais durante o estágio supervisionado, onde foram desenvolvidos e testados jogos e brincadeiras como recursos didáticos para inclusão da dança no processo de formação integral de crianças e adolescentes", explicou Cristinne.

Ela ressalta que a questão é séria e está ancorada em leis que precisam ser respeitadas e colocadas em prática nos cursos de licenciatura e nas escolas públicas e privadas. O Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), por exemplo, reconhece o brincar como um direito fundamental da infância. O Art. 3º é incisivo: "É dever do Estado, da família e da sociedade proteger, preservar e garantir o direito ao brincar de todas as crianças".

Alicerçada no ordenamento jurídico e na urgência da inclusão dessa prática nas escolas, a pesquisadora evidencia o potencial da dança como instrumento de desenvolvimento da percepção corporal, da criatividade, da comunicação, da apreciação artística e do olhar crítico diante dos desafios impostos por uma sociedade de contrastes e exclusões.

"Desde cedo, a criança precisa conhecer, compreender e aceitar seu corpo e as possibilidades artísticas e posturas sociais para evitar ser vítima dos discursos preconceituosos que circulam, principalmente, nas redes sociais digitais e que têm o poder de destruir autoestima e até a vida de crianças e ado-

lescentes. A dança é um excelente escudo contra esse perigoso comportamento social", ressaltou a discente.

Na prática, explica Cristinne, isso significa experimentar e apreciar formas distintas de manifestações da dança presentes em diferentes contextos, cultivando a percepção, o imaginário, a capacidade de simbolizar e o repertório corporal, como preconiza a Base Nacional Comum Curricular (BNCC).

O Brinquedança foi construído a partir dessas reflexões e exigências práticas, no sentido de que criação de jogos e brincadeiras com intencionalidade educativa pode facilitar, significativamente, o desenvolvimento das habilidades propostas no documento da BNCC.

Em sua pesquisa, a estudante ressalta que essas propostas lúcidas não apenas favorecem o engajamento dos alunos, como também promovem um ambiente de aprendizagem mais dinâmico, inclusivo e sensível às múltiplas formas de expressão do corpo. "Assim, integrar a dança por meio de jogos e brincadeiras é um caminho promissor para desenvolver competências essenciais na formação das crianças e para valorizar o corpo como território de saberes, expressões e afetos".

Processos de construção

A criação, a testagem e a eficácia da metodologia proposta pela pesquisa Brinquedança passou por diversas fases durante o processo de construção e envolveu crianças de escolas públicas, estudantes de licenciatura de outros cursos da Ufal e até membros da família de Cristinne.

Após aprofundamento das leituras especializadas, a pesquisadora realizou os primeiros encontros com estudantes do próprio curso de Dança no sentido de acessar a memória afetiva infantil deles por meio de trechos do documentário *Tarja Branca: a revolução que faltava*, seguido de roda de conversa sobre o papel do brincar na infância na vida humana.

Segundo ela, os participantes compartilharam vivências pessoais de infância, revelando como con-

textos sociais e econômicos influenciam na experiência do brincar. Esse momento foi essencial para despertar o olhar sensível e empático em relação à criança. Em seguida, discutiram-se os conceitos de jogo, brinquedo e brincadeira, suas diferenças, intersecções e o papel da intencionalidade na construção de propostas lúdicas com objetivos pedagógicos, além do passo a passo para a criação desses dispositivos.

Os conteúdos foram revisitados e o próximo passo da experiência social foi formar grupos para criarem suas propostas de jogos ou brincadeiras de danças, baseadas na metodologia discutida. Para a orientadora da pesquisa, Noemi Loureiro, a criação de ferramentas lúdicas no ensino da dança é essencial para enriquecer o processo de ensino-aprendizagem, proporcionando uma experiência mais dinâmica e engajante para os alunos.

“Ao promover a elaboração dessas ferramentas entre os licenciandos, busca-se prepará-los para enfrentar os desafios do campo de estágio curricular com maior competência e criatividade. Essa abordagem não apenas potencializa o desenvolvimento pedagógico dos futuros professores de dança, mas também incentiva uma prática educativa inovadora, capaz de motivar e cativar os estudantes, tornando o aprendizado da dança mais acessível e prazeroso. Assim, os licenciandos serão capacitados a utilizar metodologias diversificadas que respeitem as particularidades de cada grupo, promovendo um ensino mais inclusivo e eficaz”, detalhou Loureiro, que também é coordenadora do curso de licenciatura em Dança da Ufal.

Na etapa final, de testagem das estratégias lúdicas do ensino da dança, os estudantes das licenciaturas aplicaram brincadeiras e jogos criados por eles num grupo de 20 crianças (de 9 a 12 anos) de uma escola pública do município vizinho, Rio Largo. Para muitos, foi a primeira experiência prática do ensino da dança com crianças, mostrando possibilidades de inserção do conhecimento corporal logo nos primeiros anos da vida escolar das crianças.

O experimento foi acompanhado de perto pelos professores das turmas participantes, que fizeram questão de destacar a alegria e o envolvimento dos estudantes durante as atividades.

Cristinne também testou os jogos criados com irmãos e primos e, segundo ela, deu tão certo que eles sempre pedem para brincar. “Essa perspectiva da dança não está na beleza estética dos movimentos, mas como ferramenta de trabalhar o indivíduo como um todo, enquanto ser humano consciente do seu corpo e do lugar que ocupa no mundo. Não é sobre ganhar ou perder, é sobre autoconhecimento para enfrentar os desafios de um mundo cada vez mais complexo”, disse Cristianne, que estendeu a pesquisa para escolas de Maceió e Pilar.

Nesses momentos de interação, a inserção da dança é realizada por meio da resignificação das brincadeiras tradicionais. Na conhecida dança das cadeiras, por exemplo, a correria para sentar e a ansiedade para não perder são substituídas pela alegria de fazer movimentos corporais divertidos e originais, demonstrando, dessa forma, como a criança percebe o seu próprio corpo e identifica possíveis barreiras de lidar publicamente com a demonstração desses movimentos.

Nos vídeos do experimento, é possível acompanhar a aplicação de outras brincadeiras aliando a produção de sons e movimentos produzidos pelas próprias crianças a partir da reciclagem de materiais de garrafas plásticas e grãos de milho.

“A criação dessa metodologia de práticas pedagógicas da dança não é para ensinar a seguir as regras dos jogos criados. Pelo contrário, é indicar caminhos possíveis para criação e resignificação de brincadeiras e jogos, incluindo a dança como ferramenta, a partir do perfil e anseios de cada espaço e do público. Nada é feito de forma aleatória, o campo da dança é sempre o caminho norteador”.

Tabuleiro dos gestos

Inspirada nos jogos clássicos de trilhas e caminhos, Fabianne Cristinne criou o “Moving” (pode ser traduzido para o português como “em movimento”) com o intuito de substituir os tradicionais comandados de “pular casas”, “retroceder” ou “sair do jogo” por desafios de dança a serem cumpridos pelos participantes. Além do conteúdo pedagógico (manual do jogo), ela também construiu todas as peças da brincadeira

a partir de materiais de fácil acesso como papel, madeira, cola, lápis e cartolinas coloridas.

A estudante-pesquisadora ressalta que todos os desafios foram pensados na questão do movimento corporal para além das limitações e reproduções sociais do cotidiano das crianças. O jogo possibilita momentos de aprendizados espontâneos e livres das censuras. Para reforçar essa prática, a brincadeira tem três casas especiais durante o percurso até chegar ao fim.

A primeira, chamada de “Azar”, diz que um dos quatro jogadores ficará de fora durante uma rodada, mas não parado – sempre em movimento com exercícios de alongamento. A casa “Sorte” dá o poder de um jogador escolher outro e pedir para ele cumprir um dos desafios de dança. Já a “Galera” coloca todos os jogadores para realizar a “dança maluca”. Ou seja, movimentos rápidos e sem sentido explícito, apenas movimentar o corpo a partir das sensações imediatas.

“A intenção do jogo é explorar a imaginação, a criatividade, as danças tradicionais como as das festas juninas, a ouvir e ver o que o outro tem a dizer e a mostrar com seu corpo. É compreender pedagogicamente a importância da dança na formação escolar e cidadã das crianças. É destravar nós sociais que

podem engessar a criatividade e a imaginação da criança diante de tantas proibições impostas no convívio social”, afirmou a pesquisadora animada com os resultados da sua investigação.

De acordo com ela, o Brinquedança revelou que a metodologia proposta é viável, acessível e eficaz, contribuindo para o processo de ensino-aprendizagem da dança de forma significativa e envolvente.

Os jogos e as brincadeiras desenvolvidos mostraram-se adaptáveis e dialogaram com a realidade das crianças envolvidas. O contato direto com o público infantil permitiu aos participantes avaliar, na prática, os pontos fortes e os aspectos a serem aprimorados em suas propostas.

“Os estudantes das licenciaturas envolvidos demonstraram crescente envolvimento e encantamento a cada encontro. Inicialmente inseguros sobre sua atuação com crianças, expressaram ao final do projeto uma mudança significativa em sua postura e autoconfiança. Os relatos demonstraram que o Brinquedança proporcionou não apenas um repertório metodológico, mas também motivação para atuar na educação infantil e no ensino fundamental”.

“Moving”, jogo de tabuleiro criado por Fabianne Cristinne, substitui os tradicionais comandados por desafios de dança



SALA DE PRÁTICA



MUSICA

Um laboratório de violinos e gente com **fé na música**

Projeto gratuito de extensão universitária do curso de licenciatura em Música transforma a vida de professoras e estudantes, que retribuem ofertando recitais abertos ao público

Roberto Amorim

Poucos dias depois das fortes chuvas que alagaram a cidade no mês de maio, a grande sala do miniauditório do Espaço Cultural Universitário, na praça Visconde de Sinimbu, estava praticamente lotada de gente de várias idades, bairros, profissões e trajetórias de vida distintas.

No ar, um certo clima de preocupação e ansiedade. Era hora de mostrar o que aprenderam nos últimos meses. As conversas giravam em torno de dúvidas teóricas, demonstrações práticas e da felicidade de estarem juntos numa caminhada desafiadora.

O elo que unia a eclética turma numa manhã ainda fria e úmida era o violino, instrumento que se-

guravam com orgulho e que tinha transformado o cotidiano de mulheres e homens que decidiram fazer parte do Laboratório de Violino.

É um projeto de extensão universitária do curso de licenciatura em Música da Universidade Federal de Alagoas (Ufal) que, desde 2017, oferece gratuitamente cursos livres de violino em diversos níveis para quem quiser dominar a arte de tocar o instrumento musical criado no século 16, na região de Cremona, Itália.

O laboratório foi idealizado, instalado e até hoje coordenado pela violinista e professora Débora Borges da Silva. É ela quem dissipa o clima de tensão do ensaio para apresentação de encerramento de semestre na manhã fria de maio no miniauditório. Sorridente, acolhedora e paciente, consegue envolver toda turma e extrair o melhor de cada violinista em formação.

Quando ela chegou para ministrar aula na Ufal, em 2016, existiam poucos locais com cursos de formação básica no violino com acesso para a comu-

nidade em geral. Muitos alunos iniciavam em projetos de igrejas onde os mais experientes ensinavam o que sabiam aos iniciantes em um formato de tradição oral. Existiam apenas projetos conduzidos por violinistas pioneiros no ensino de violino no estado como Joselho Rocha e Tércio Smith.

"O laboratório surgiu nesse contexto com o objetivo de somar, objetivando a criação de um espaço de aprendizagem gratuito onde tanto os licenciandos da ênfase em violino do curso de Música da Ufal poderiam executar ações docentes, quanto a comunidade poderia ter acesso, de maneira igualitária, ao ensino do violino com um currículo organizado e sequencial por meio da metodologia Suzuki de ensino", contou a professora Débora Borges, doutora em Música na área de concentração em Práticas Interpretativas pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Hoje o projeto integra o programa de formação continuada em pedagogia e performance do violino. É o primeiro programa do curso de Música e o único no Brasil com essa proposta.

Jovens e adultos integram o projeto de extensão Laboratório de Violino, que oferece gratuitamente cursos livres do instrumento



"Amigolinos" de Maceió, Viçosa e Campo Alegre

Ednaldo Pedrosa é um dos alunos mais animados do Laboratório de Violino. Aos 58 anos, está focado em aprender e provar que idade, trabalho e cansaço não podem parar um sonho. Entre desistências e retornos, garante que agora vai até o fim.

"Sem o cuidado e a fé da professora Débora na gente, a maioria já teria desistido. Ela sempre acredita em nós e diz que é preciso apenas dedicação para nos tornarmos bons violonistas; que a arte já existe dentro de cada um, é preciso apenas despertá-la", contou o homem que trabalha com produtos recicláveis e que está de volta às aulas desde 2023.

Ele faz parte da "família violino" ou "amigolinos", como são carinhosamente chamados os 88 estudantes matriculados nas aulas de

Maceió e os aproximadamente 60 nas cidades de Viçosa e Campo Alegre. As aulas são coletivas, com duração de 60 minutos, uma vez por semana. A teoria e a prática são ensinadas de maneira integrada. E o trabalho não parou durante a pandemia da covid-19, com aulas e recitais on-line pelas redes sociais digitais do laboratório.

Já os ensaios, explica a professora Débora, acontecem de acordo com a demanda de cada núcleo visando à preparação a longo prazo de apresentações culturais, "visto que nosso objetivo principal é o ensino básico para que o aluno possa dar sequência aos seus estudos na Escola Técnica de Artes e no curso superior em Música".

O último recital do semestre do núcleo adulto aconteceu na tarde do mês de maio. Em Maceió, são quatro eventos culturais definidos ao longo do ano: um recital de fim de primeiro semestre, dois recitais temáticos (infantil e trilhas sonoras), e o recital de formatura em cada módulo no segundo semestre do ano.

Para construir uma didática em torno do violino com pessoas de idades, formações e vidas tão diferentes, a professora adapta a metodologia Suzuki para o ensino coletivo, de maneira integrada com a linha pedagógica de outro grande violinista, Paul Rolland, que traça uma abordagem didática que privilegia os movimentos naturais que fazemos

no dia a dia para utilizar no manejo do arco e movimentação dos dedos.

"Com a organização sequencial das competências e habilidades em 10 volumes do método Suzuki, com sua visão humana sobre o aluno, e a pedagogia de Rolland, conseguimos atender a uma gama ampla de idades. Hoje o laboratório possui três polos de ensino, na sede em Maceió com dois núcleos: o infanto-juvenil, de 5-12 anos, com a professora Iannara Farias, servidora da Ufal, e o núcleo adulto a partir de 13 anos sob minha orientação".

Médico veterinário, Crisalles Souza atesta a qualidade do método, mas afirma que a forma "magistral" de aplicá-lo é o grande diferencial e a garantia dos bons resultados. Um dos mais antigos estudantes do Laboratório de Violino da Ufal, ele iniciou as atividades em 2019 e conta que até hoje se impressiona com o mesmo entusiasmo e dedicação da professora Débora em acolher todas as pessoas interessadas no violino.

"Não é um caminho fácil, com muitos tropeços, quedas e recomeços. Violino é um instrumento muito desafiador. Mas a entrega e a didática dela nos faz seguir sempre. Ela consegue enxergar as dificuldades de cada um. Cada indivíduo é único e importante para o grupo e isso nos renova a cada aula, cada ensaio. A gente dorme e sonha com as partituras e as apresentações. É muito intenso e prazeroso", afirmou Crisalles. "É incrível fazer parte dessa família do violino".

Bisneto do maestro de uma das tradicionais orquestras de cordas do município de Pão de Açúcar, no Sertão alagoano, ele herdou a fé no poder transformador da educação musical para o desenvolvimento humano. Não à toa, confessa que volta para casa renovado todas as vezes que leva música instrumental de qualidade aos pacientes de hospitais de Maceió, outra ação do Laboratório de Violino.

"As aulas nos transformam e nós precisamos retribuir tudo que aprendemos graças à iniciativa voluntária de uma professora de uma universidade pública. É preciso levar o violino aos hospitais, comunidades carentes e, quem sabe, ao sistema prisional. Uma música que respeita as diferenças e a dignidade humana. Uma música que salva".

Essas apresentações para além dos recitais fazem parte do programa de formação continuada em pedagogia e performance do violino que, além do Laboratório de Violino, tem o projeto Violinos da Alegria.

"Realizamos ações no Hospital Universitário [Professor Alberto Antunes, HU da Ufal] em diversos setores como o Hospital Dia, Clínica Médica, Pediatria, Nefrologia, UTI e recepção geral de acordo com a programação do hospital no dia da ação. Temos dois roteiros distintos direcionados para adultos e crianças, envolvendo acolhimento, apresentação, descontração lúdica, relaxamento e encerramento", explicou a professora Débora Borges.

Ela ressalta que as etapas são guiadas por canções instrumentais, histórias musicadas, poesias e brincadeiras com os pacientes. O objetivo é provocar sentimentos positivos, favorecendo a recepção do medicamento pelo organismo para alguns e para outros um momento de desconexão com o ambiente hospitalar, tornando por alguns instantes o ambiente mais leve.

Diploma plantado em Alagoas

E não é só. Com o mesmo entusiasmo de 2017, a idealizadora do Laboratório de Violino também comanda uma Orquestra de Violinos, nascida em 2023 depois do Sarau Nordestino, um evento cultural temático com músicas populares nordestinas. Ela construiu os arranjos apenas para violinos, com quatro vozes distintas.

Sucesso foi garantido e após o evento, por insistência dos alunos, manteve o grupo nomeando como Orquestra de Violinos da Ufal. O grupo integra alunos de todos os níveis com arranjos apropriados para o nível de desenvolvimento de cada turma.

"Como Cora Coralina [poeta e contista brasileira] disse, 'feliz o que transfere o que sabe e aprende o que ensina'. Ensinar é uma via de duas mãos e tão lindo do lado de cá... Vejo como uma verdadeira benção a chance de poder contribuir com o desenvol-



Professora e violinista Débora Borges, idealizadora e coordenadora do Laboratório de Violino

vimento humano por meio do violino, vejo sonhos saindo do papel, vejo pessoas recuperando a estima, acreditando mais em si mesmas... É muito mais do que ensinar um instrumento! É sobre cuidar de pessoas genuínas, autênticas e capazes enquanto ensinamos violino", ressaltou a violinista, a qual ouviu de uma colega de curso, no Sul do país, que enterraria seu diploma se viesse para Alagoas.

"Ela estava certa, mas errou o sentido. Eu não enterrei meu diploma em Alagoas, eu plantei! Hoje posso dizer que violino já é um instrumento popularizado em nosso estado, não apenas pelo meu trabalho, mas por todos que acreditam e fazem a sua parte ensinando violino em Maceió".

Graças à vinda e à permanência dela em Maceió que a também professora universitária Magna Suzana mergulhou, há três anos, na sedutora sonoridade do violino. Ela diz que mesmo diante da complexidade que o instrumento apresenta, a didática da professora torna o percurso extremamente prazeroso e possível.

"O violino exige foco, concentração e paciência. E isso também reflete nas outras atividades do nosso cotidiano. Não são apenas aulas de música, são aprendizados de vida, de compartilhar, de aprender com nossos erros as diferenças e as qualidades do outro", ressaltou Magna, ansiosa pela próxima apresentação pública: "Temos que nos dedicar mais para deixar a professora orgulhosa".

Os braços musicais do Laboratório de Violino alcançaram crianças e adolescentes da rede municipal de ensino da cidade de Viçosa, na zona da mata alagoana e distante 85 quilômetros de Maceió. Em julho do ano passado, aconteceu a formatura da 1ª turma do Método Suzuki.

E, como não poderia deixar de ser, na solenidade teve a apresentação da Orquestra de Violinos. Também participaram a técnica violinista Iannara Farias, que atua como professora do núcleo infantil em Maceió, e na solenidade desempenhou a função de solista da Orquestra de Violinos, além da professora do polo de Campo Alegre, discente da Ufal, Jakeline Santos, que integrou o grupo de câmara como chefe de naipe.

São esses resultados que fazem a professora Débora Borges não desanimar e nutrir a esperança de expandir as atividades do laboratório: "Sonho com um espaço específico para o projeto. Assim como outros cursos têm os seus laboratórios com equipamentos apropriados, desejo o mesmo para nossos alunos".

Ela gostaria, ainda, de ampliar a oferta de horários e turmas e, se conseguir recurso financeiro, custear as atividades docentes dos monitores, o que ajudaria a permanência e a ampliação do quadro de pessoas atuantes.

Nos planos ainda estão a oferta de cursos livres com temas diversos sobre pedagogia e performance do instrumento e gerar mais produtos culturais destinados a locais ociosos como asilos, casas de apoio, ONGs, entre outros. "Seguimos buscando esses caminhos para o futuro do projeto, quiçá em um futuro próximo", finalizou Débora Borges.

Crisalles Souza, um dos mais antigos estudantes do Laboratório



Renner Boldrino



Universitários e pessoas da comunidade externa fazem parte do Laboratório de Violino, primeiro programa do curso de Música e o único no Brasil com a proposta de formação continuada em pedagogia e performance do instrumento

Renner Boldrino



INICIAÇÃO CIENTÍFICA

Pesquisa revela desafios da **formação superior em Música** no Nordeste

Trabalho liderado pela professora Ziliane Teixeira busca responder como são formados, quais as produções acadêmicas e onde irão atuar os estudantes dos cursos de licenciatura em Música nos estados nordestinos

Oficina gratuita oferecida, durante o Festival de Música de Penedo, para músicos e iniciantes de várias idades

Roberto Amorim

A Lei nº 11.769 de 2008 é clara: o ensino de música deve ser componente curricular obrigatório nos ensinos fundamental e médio. Mas, 17 anos depois, a sua implementação ainda tem enfrentado desafios. Os dois maiores entraves, apontam os especialistas, são a formação de professores e a ausência de políticas públicas nacionais que garantam a implementação da lei e o acesso ao mundo do trabalho.

Para testar essas hipóteses, as professoras e pes-

quisadoras universitárias dos cursos de licenciatura em Música Ziliane Teixeira, da Universidade Federal de Alagoas (Ufal), e Jéssica de Almeida, da Universidade de Brasília (UnB), decidiram fazer investigações por meio de projetos de iniciação científica do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (Pibic).

A linha norteadora da pesquisa é traçar um panorama quali-quantitativo sobre a formação e a atuação docente em música no Brasil. Trabalho de muito fôlego e com duração prevista de quatro anos (2024-

2027), elas dividiram as áreas de atuação. Pelo PIBIC, Ziliane Teixeira está mapeando o Nordeste, enquanto a região Centro-Oeste ficou a cargo de Jéssica Almeida. E, juntas, pesquisam as regiões Norte, Sudeste e Sul.

O Nordeste é a região que contabiliza maior número de cursos presenciais de licenciatura em Música em instituições públicas. São 24 espalhados pelos nove estados, com destaque para o Ceará, com oito cursos ativos em universidades federais, estadual e institutos federais. Em Alagoas, Sergipe e Piauí só

existe um curso e ofertado pelas universidades federais.

É nesse universo acadêmico nordestino de música que a professora Ziliane Teixeira e quatro alunos bolsistas do PIBIC estão mergulhados. A pesquisa busca, especificamente, "analisar a configuração histórico-política-pedagógica dos projetos pedagógicos dos cursos públicos de licenciatura em Música dos nove estados do Nordeste; estudar a produção acadêmica que tematiza a formação e a atuação docente em música de autores e autoras vinculados a instituições

Roberta Brito

brasileiras; e avaliar o conteúdo das políticas públicas e dos editais para contratação de professores de música no Nordeste”, explicou Ziliane, que também é coordenadora do curso licenciatura em Música da Ufal.

De acordo com ela, é uma pesquisa ampla porque todas essas questões estão interligadas, pois não adianta analisar só os projetos pedagógicos dos cursos (PPCs), sem mapear as produções de artigos, dissertações e teses desses professores e alunos; como também é preciso verificar que tipos de formação os editais estão solicitando para contratação de professores de música e, principalmente, se os cursos superiores estão alinhados ou não com essas exigências. Ou seja, para “o quê e para trabalhar onde estamos formando nossos estudantes”.

Experiente na docência e na pesquisa científica, Ziliane é doutora em Educação pela Universidade Federal de Santa Maria (2016) e mestra em Música

pela Universidade de Aveiro, Portugal (2011). Em 2023 criou o Laboratório de Pesquisas e Práticas em Educação Musical (Lappem). Um espaço integrado de pesquisa pedagógica, educação musical e extensão universitária.

O trabalho de pesquisa atual está vinculado ao laboratório e almeja que os resultados fundamentem investigações sobre questões de interesse da área, como estrutura curricular, conteúdos pedagógicos e musicais mais presentes, articulação entre perfil de egresso e metodologia do curso, estágio curricular, e aproximações e distanciamentos entre formação e atuação profissional.

Outra importância da pesquisa, explica a professora, é contribuir, como estudo sistematizado e detalhado, para reflexão sobre os impactos das políticas públicas nas estruturas curriculares de cursos de licenciatura em Música na região e na atuação

Professora Ziliane Teixeira (sem óculos) coordena a pesquisa vinculada ao Laboratório de Pesquisas e Práticas em Educação Musical



Renner Boldrino

de seus egressos, não só para a avaliação dessas políticas, como também com sugestão e orientação de novos caminhos para que elas se tornem mais abrangentes e contextualizadas.

Planos de trabalho: tempo e dedicação

Para atingir as metas, a equipe foi dividida em três frentes de identificação, coleta, organização e catalogação de dados. A estudante Maria Cecília ficou encarregada dos anais dos congressos de revistas especializadas na área da música, como as da Associação Brasileira de Educação Musical (Abem) e Associação Nacional de Pesquisa e Pós-graduação em Música (Anppom).

Ela conta que os anais não são bem organizados, dificultando o trabalho de busca e seleção do material importante para a pesquisa. As informações estão publicadas em blocos que têm em torno de mil páginas, contendo todos os trabalhos que foram aprovados dispostos em texto corrido, o que dificulta localizar os descritores (palavras-chave) relacionados ao contexto pesquisado.

“Além disso, é necessário selecionar os artigos pertinentes ao enfoque da pesquisa e convertê-los para o formato PDF individualmente e isto é bastante trabalhoso, representando o maior desafio para o meu processo de pesquisa”, contou a estudante do curso de licenciatura em Música da Ufal.

Apesar dos percalços, Maria Cecília ressalta que o processo de iniciação científica tem sido muito gratificante e enriquecedor. “Se trata de algo que amplia e potencializa a aprendizagem para além dos muros da universidade; aproxima o pesquisador da realidade do campo de atuação, o que oferece a oportunidade de perceber as necessidades que minha área de estudo demanda. Eu decididamente me encantei com a área da pesquisa. Não pretendo parar!”.

A pesquisadora iniciante acredita que trabalhos como esse possam contribuir tanto para atualizações curriculares dos cursos de licenciatura em Música, quanto para a conscientização dos legisladores sobre

a importância do ensino da música nas escolas. Segundo ela, as matrizes curriculares precisam aproximar a formação universitária das demandas que serão vivenciadas na atuação profissional após a conclusão do curso.

“A música é poderosa. É um agente de transformação que atinge todos os aspectos do ser humano – inclusive na formação de senso crítico – e precisa de maior validação, valorização e garantias advindas das políticas públicas. Os legisladores precisam entender isso. E se esta pesquisa alcançar seus olhares, ficarei feliz”.

O segundo braço da pesquisa, que consiste no rastreio de artigos, dissertações e teses nos últimos 30 anos, está sob a responsabilidade do estudante Bruno Brandão, que também encontra obstáculos no acesso aos documentos, nem sempre disponibilizados nos sites oficiais das instituições públicas e revistas eletrônicas especializadas. “As plataformas até indicam a existência dos arquivos, mas nem sempre o acesso é possível”, revelou.

O discente acredita que o resultado da pesquisa poderá facilitar significativamente o desenvolvimento de políticas públicas voltadas para a promoção do acesso à linguagem musical: “Esse acesso não se restringiria apenas aos ambientes formais de ensino, como escolas e universidades, mas se estenderia também aos espaços de educação não formal com mais facilidade”.

Outra preocupação de Bruno Brandão é quanto à escassez de oportunidades no mundo do trabalho, frequentemente agravada pela marginalização social da profissão. A ausência de incentivos governamentais adequados, ressalta o estudante-pesquisador, agrava esse cenário, contribuindo para a desvalorização da área: “Para reverter o quadro de desvalorização, é importante que os profissionais da música e a própria arte se tornem mais presentes, acessíveis e reconhecidos pela sociedade”.

A identificação e a catalogação dos projetos pedagógicos dos cursos de licenciatura em Música das universidades públicas do Nordeste é outro indispensável pilar da pesquisa. No comando desta tarefa está o estudante Pedro Victor, outro bolsista do Pibic da

pesquisa orientada pela professora Ziliane Teixeira.

Nesse processo de mapeamento, ele diz que a parte mais desafiadora é a disponibilidade dos documentos atualizados nos sites das universidades e a desatualização de muitos PPCs. "A base do E-MEC indica os cursos ativos, mas nem sempre os PPCs estão disponíveis e atualizados".

Em suas buscas, o pesquisador encontrou projetos pedagógicos datados de 2007, sem as alterações exigidas pelas Diretrizes Curriculares Nacionais (DCNs) para cursos de Música, elaboradas pelo MEC, que estabelecem princípios e diretrizes para a formação de profissionais na área, visando garantir a

qualidade e a coerência dos cursos de graduação em música.

"Acredito que fazer parte de um programa de pesquisa é uma das coisas mais 'universitárias' que um estudante pode fazer. Atrelado a isso, temos a orientação de uma grande docente especializada na área, que é a professora Ziliane Teixeira. Ela nos orienta de forma assertiva, clara e objetiva, nos fazendo parte desse projeto que tem como objetivo entender a disposição, a estrutura e os componentes dos cursos de licenciatura em Música em nosso país", ressaltou o estudante e bolsista Pibic, Pedro Victor, que já tem no Currículo Lattes um artigo, que se transformou em capítulo de livro.

Diálogos e transformações

A extensão quantitativa da pesquisa gerou um expressivo número e dados coletados, que estão em processo de análise qualitativa para começar a gerar os primeiros resultados. Mas, segundo a professora Ziliane, já é possível identificar algumas questões, como a similaridade e o conservadorismo da maioria dos projetos pedagógicos do curso.

De acordo com ela, é exceção encontrar PPCs que levem em consideração as especificidades musicais da região onde o curso está inserido, deixando de lado aspectos culturais importantes para a identidade cultural. "É possível perceber, por exemplo, que muitos projetos pedagógicos são praticamente idênticos e muitos estão desatualizados. Poucos atendem às determinações das resoluções mais recentes, como as de 2015 e 2024".

Outro ponto a ser discutido, apontado pela investigação da pesquisa, é a predominância, ainda, de currículos conservadores influenciados pelo ensino da música nos conservatórios de Paris, no século 19, com a predominância das disciplinas tradicionais e clássicas. "A base clássica é a mesma, apenas com complemento de questões mais recentes nos cursos

de licenciatura, como disciplinas de caráter político-pedagógicas e estágios obrigatórios. Algumas instituições até tentam implantar práticas decoloniais, mas são vencidas pela resistência dos docentes tradicionais e da burocracia", apontou a pesquisadora e coordenadora do curso de licenciatura em Música da Ufal.

Ziliane Teixeira deseja que os resultados da pesquisa sirvam para inquietar e provocar reflexões sobre que profissionais de música as universidades públicas estão formando, onde e como irão atuar, e o que os concursos públicos estão exigindo deles; e se os processos teóricos e práticos de ensino estão em consonância com a realidade social e o mundo do trabalho.

A partir dessas questões, ela espera que esse estudo detalhado e sistematizado possa impactar nas políticas públicas e mostrar novos caminhos. Não à toa, a coordenadora da pesquisa planeja, além de divulgar os resultados em espaços acadêmicos de discussão, transformá-los, também, numa cartilha que possa contribuir com as secretarias estaduais e municipais de educação na construção de políticas públicas de seleção, contratação, valorização e avaliação dos egressos dos cursos de música do ensino superior.



Oficina de instrumentos musicais realizada em Castro Daire-Portugal, durante edição do Festival de Música de Penedo na Europa

Arquivo Fernuque

Desfile de banda de música escolar pelas ruas de Penedo, durante o Femupe



CIÊNCIA E ENTRETENIMENTO

Música e pesquisa à beira do Velho Chico

Centro de Musicologia de Penedo impressiona pela quantidade e qualidade das investigações científicas com ramificações em Portugal e França, recuperação de documentos históricos, publicações, cursos livres e realização do maior festival de música às margens do Rio São Francisco

Roberta Brito

Roberto Amorim

Penedo-Brasil. Penedo-Portugal. Penedo-França. Esses são alguns dos lugares por onde se espalham as teorias e as práticas dos longos e multifacetados tentáculos do Centro de Musicologia de Penedo (Cemupe).

Nascido há 15 anos na Universidade Federal de Alagoas (Ufal), o grupo de pesquisa registrado no Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) é dono de números impressionantes: 100 mil horas de atividades pedagógicas, 5 mil pessoas certificadas e mais de 300 cidades de várias partes do Brasil e do mundo alcançadas pela pesquisa e extensão gestadas no laboratório instalado e em pleno funcionamento na histórica cidade alagoana às margens do Rio São Francisco.

A face mais famosa do Cemupe é o Festival de Música de Penedo (Femupe). Há mais de uma década realizado no mês de outubro, o evento colocou Alagoas na principal rota de lugares brasileiros onde a música vai muito além de shows e entretenimento.

É espaço de encontro e discussão de pesquisadores de muitos cantos do Brasil e do mundo. É palco de dezenas de oficinas, fóruns, palestras e apresentações de música instrumental. É sala de aula para refletir e compartilhar experiências de ensino. É, principalmente, oferta de possibilidades para despertar o gosto pela música e pela pesquisa nos moradores de Penedo e municípios circunvizinhos da região do Baixo São Francisco.

Mas, para tanta coisa acontecer, existe um grupo comprometido de mais de 20 pesquisadores e pesquisadoras do Brasil, de Portugal e da França. São professores, educadores musicais, musicólogos, etnomusicólogos e alunos de graduação em Música de diversas instituições de ensino superior no Brasil e de outros países.

Em reuniões on-line e presenciais, são responsáveis pelo planejamento e execução de uma impressionante quantidade de cursos livres, fóruns de discussão e publicações. As linhas de pesquisa envolvem Educação Musical, Musicologia, Composição e Análise. A meta é sempre produzir livros, ensaios, artigos

e transcrições de caráter inédito ou pouco divulgado no meio musical, seja acadêmico ou não, e biografias autorizadas de compositores. E depois disponibilizar tudo no site do laboratório (cemupemusicologia.com).

"Penedo foi considerada a cidade dos pianos no final do século 19 e durante parte do século 20, além de vários conjuntos instrumentais de sopro que permeiam nos eventos do município até os dias de hoje. As pesquisas do Cemupe enaltecem este contexto histórico. Outro exemplo é a publicação do Dicionário Musical de 1904, do autor Isaac Newton de Barros Leite, recuperado pelo Centro em parceria com a Casa do Penedo, importante biblioteca e centro cultural de Penedo", disse Marcos Moreira, coordenador do Cemupe e do Femupe, professor do curso de licenciatura em Música da Ufal e um dos mais atuantes pesquisadores do legado musical em chão alagoano.

Ele ressalta que as atividades do laboratório de Penedo fazem parte do crescimento da pesquisa musicológica em Alagoas por meio dos grupos temáticos de pesquisa existentes no curso de licenciatura em Música da Ufal e do trabalho de pesquisadores e historiadores de várias partes do estado. No Nordeste, ressalta, alguns estados têm pós-graduação em Música e isso ajuda neste crescimento. A Ufal também busca, futuramente, a abertura de mestrado e doutorado na área.

Os procedimentos metodológicos, resultados e reflexões das pesquisas realizadas em Penedo fazem parte de constante interlocução com a Universidade Nova de Lisboa (Grupo de Pesquisa Caravelas), a Universidade Bordeaux, na França (Grupo Percussivo Timbode), e a Universidade de São Paulo (USP), por meios do grupo Lamus. Também contam com outros grupos alagoanos, a exemplo do Grupo de Pesquisa História, Memória e Documentação da Música, pertencente ao curso de Música da Ufal em parceria com a Escola Técnica de Artes.

E não é só. O Cemupe realizou, nos últimos dois anos, uma edição Femupe Europa na cidade de Vouzela (Portugal). Ano passado foi a vez de levar pesquisa sobre as criações musicais de Hermeto Pascoal para Universidade de Bordeaux. Para este ano de

2025, estão confirmadas mais ações em duas cidades em solo francês e a terceira edição do Festival de Música de Penedo na Europa.

"Esse processo de intercâmbio internacional surgiu da minha pesquisa de doutorado sobre mulheres nas bandas de música. A partir daí, o Femupe começou a trazer maestros e grupos de Portugal e também professores da França. Em seguida, começamos a ir a estes países mostrar nossas produções. É a Ufal internacionalizando suas pesquisas na área musical. É uma ação de grande importância para a continuidade dos trabalhos realizados pelo Cemupe", ressaltou Moreira.

Resgate e publicações

Outro braço forte do grupo de pesquisa de Penedo é a publicação de livros. Não à toa, foi criado o Selo Cemupe. A iniciativa, chancelada pela Ufal, tem a parceria da prefeitura de Penedo e a Editora Pimenta Cultural, de São Paulo. Todas as obras, de reconhecida excelência acadêmica e projeto gráfico sóbrio e de fácil legibilidade, estão disponíveis em formato PDF para leitura e também para

No primeiro momento, o selo está voltado para publicação de pesquisas com temáticas da regionalização alagoana, mas, de acordo com a coordenação do Cemupe, a pretensão é alcançar outras partes do Brasil e outros.

"É necessário ampliar outros temas de análise musical no âmbito da musicologia (seja histórica ou social) e da educação musical, permeando sobre pontos da etnomusicologia e composição, oriundos das pesquisas realizadas por nós e nossos atuais parceiros institucionais vinculados", destacou o professor Marcos Moreira.

Na série Mestres Musicais de Alagoas, destacam-se os volumes I e II do livro *Os Dobrados de Aquino Japiassu*, dos pesquisadores Marcos Moreira e João Paulo de Lima Cruz. A pesquisadora Mary Angela Bignon, ressalta a importância da obra para o resgate da história musical de Alagoas.

"A partir do seu projeto de doutorado, o profes-

sor Marcos Moreira se deparou com um compositor atuante em Alagoas, preocupado com o ensino musical e responsável por uma banda formada por meninas em um tempo onde o protagonismo feminino na música ainda era visto com ressalvas. Esse é Aquino Costa Japiassu, que o professor Marcos chamou de o Maestro dos Teares, uma alusão à fábrica de fiação e tecidos que instigou Japiassu a montar a banda. E o professor João Paulo, regente formado na banda e profundo conhecedor do repertório, fez as escolhas que entendeu acertadas para construir uma grade instrumental e as respectivas partes instrumentais e disponibilizar material de qualidade para ser colocado nas estantes dos músicos".

É possível ter acesso, ainda, a diversos livros da Série Especiais, como *Lunga: os Quilombolas de Taquarana-Alagoas*, de Luiz Almeida; e *Álbum de Armia: gemidos sobre o túmulo de uma brasileira*, de Alberto José Vieira Pacheco e Rodrigo Barcelos da Costa; além de diversos artigos, capítulos de livros, publicações de dissertações de mestrado e teses de doutorado.

Professor Marcos Moreira, coordenador do Femupe e do Cemupe



Show de abertura da edição 2024 do Festival de Música de Penedo, com Samuel Pompeo Quinteto, de São Paulo

E tem mais. O repositório virtual e gratuito do Cemupe disponibiliza arranjos e transcrições, arquivologia musical e iconografia musical das cidades de Penedo e Rio Largo. “Um dos mais importantes objetivos do nosso grupo de pesquisa musical é produzir material de edição e recuperar partituras antigas. Os projetos são feitos pelos pesquisadores por etapas das partituras originais, às vezes, apenas em partes que são analisadas e recuperadas. Os custos da edição e publicação são dos próprios professores voluntários que participam dos projetos”, ressaltou Moreira. “Estamos tentando outras formas de financiamento, como editais de instituições públicas e privadas”.

No mês de outubro, o grupo de pesquisa musical da pacata cidade às margens do Rio São Francisco

mostra ao resto do país sua potência motriz com a realização do Festival de Música de Penedo (Femupe), uma jornada musical que começou em 2009 com a Jornada Pedagógica para Músicos de Banda (JPMB), do antigo grupo de pesquisa Metodologia Instrumental. Em 2018 se transformou em Festival de Música de Penedo e foi patentado no Instituto Nacional da Propriedade Industrial (Inpi) pelo Cemupe.

O desafio, atualmente, afirma a coordenação do festival, é o financeiro por se tratar do crescimento de um projeto de caráter gratuito e universitário. Hoje em dia os recursos vêm de emenda parlamentar do deputado federal Paulo Fernando do Santos, o Paulão, e de patrocínio direto pela prefeitura de Penedo, Sesc Alagoas, Sebrae e da própria Ufal.

A preocupação é confirmada pelo tamanho, riqueza e pluralidade da programação ofertada gratuitamente a cada ano. São dezenas de atividades artísticas, pedagógicas, oficinas, cursos, *workshops*, concertos em igrejas e mostra de música autoral, além da realização de encontros, fóruns e conferências dos mais diversos temas sobre educação musical.

Em 2024, por exemplo, na 15ª edição do festival, foram executadas 16 oficinas de instrumentos musicais, regência, arranjo, educação musical e harmonia. Desfile de filarmônicas pelas históricas ruas da cidade e uma série de apresentações em igrejas e no Teatro Sete de Setembro. Em 2023 foram cinco dias de festival com atrações nacionais e internacionais.

“A cada ano são muitos desafios para mostrar o que a música é capaz de fazer, como produzir pesquisa científica, atividades acadêmicas, promover a reciclagem de músicos, contato de alunos das escolas com a música de concerto e muito mais. Nosso foco é sempre a participação da população, porque fazemos tudo isso para as pessoas”, afirmou o professor Marcos Moreira, coordenador-geral do Festival.

E a preocupação dele continua após a maratona de atividades no mês de outubro. Acreditando no poder transformador da música na região, durante todo o resto do ano continuam sendo ofertados cursos em caráter permanente e certificados numa constante interlocução com a comunidade ribeirinha.

Maestro Mozart Vieira no show de encerramento da edição 2024 do Festival de Música de Penedo, no Teatro Sete de Setembro



O poder das artes na vida coletiva

Simone Cavalcante*

Imagine se a razão de existir estivesse limitada às tarefas ordinárias e, entre o sono e o despertar, nosso corpo trabalhasse apenas pela sobrevivência. Assim como a personagem mítica Sísifo, estaríamos para sempre condenados a levar, até o cume de uma montanha, uma pedra que depois rolaria para baixo, sem poder questionar a utilidade desse trabalho. Seríamos máquinas ou seres humanos? Eis a questão. Seja qual for o meio, a forma e a condição de existência, a vida humana seria insuportável sem a presença das artes. Se, para se manter vivo, é preciso trabalhar duro para ter o pão como alimento, das artes, vem o sustento da mente e do coração.

Um dos diferenciais de nossa espécie está na capacidade de inventar símbolos, fantasiar outras realidades e deixar-se transcender pelos sentidos do devaneio, do sonho e do acaso. A convivência com as montagens cênicas, performances, escritas literárias, produções visuais, musicalidades e imagens em movimento lembram o quanto a repetição do cotidiano não basta. Quando assistimos a um filme, exploramos um livro ou uma obra de arte e vivenciamos um espetáculo de dança, teatro, música e circo, vários enigmas se apresentam diante de nós.

As imaginações de quem cria ou consome produções artísticas ativam os canais da emoção, sensibilidade e inteligência para a busca de novas possibilidades de existir e conviver em sociedade. Nas palavras do professor e curador peruano, Víctor Vich, as artes têm o poder de enriquecer a vida coletiva e contribuir para o alcance do verdadeiro desenvolvimento social. Acreditando nisso, diversos agentes culturais desejam incorporar as artes, no dia a dia das pessoas, como algo comum no conjunto de seus afazeres. Entre as motivações, está o desejo de realizar a sonhada democratização da cultura e ampliar os meios de alcançar uma sociedade justa, solidária e humana.

Os processos de criação e mediação em artes de artistas e arte-educadores, a idealização de diretrizes de políticas e programas por gestores e gestoras culturais e a discussão de conteúdos por professores e professoras da área não são tarefas que, depois de concluídas, encerram-se em si mesmas; mas consistem num meio de levar o ser humano a duvidar e a exercer sua liberdade de pensamento e expressão, bem como confrontar certezas e racionalidades dadas como fixas e absolutas. Daí por que as artes, assim como as demais manifestações da cultura, têm sido, em várias passagens da história do Brasil e do mundo, censuradas e reprimidas por regimes totalitários e fundamentalismos religiosos.

A criação dos cursos de Artes consolidou o envolvimento da Ufal com a formação e o desenvolvimento artístico em Alagoas

Em Alagoas, o estado das artes continua marcado, no plano das políticas públicas de cultura, pela descontinuidade de ações e pelos baixos investimentos de recursos próprios do estado e dos municípios nos meios de produção locais. A carência de espaços culturais convencionais – como galerias de arte, conservatórios de música, teatros, bibliotecas, livrarias, museus, salas de cinema – é outro fator que dificulta o acesso aos bens e serviços culturais e as relações entre artistas e público. Com isso, a apropriação de espaços culturais não convencionais como ruas, becos e praças proliferam-se na capital e no interior, numa demonstração de força das artes como uma necessidade vital do convívio humano.

A ausência de políticas públicas permanentes, aliada à escassez de serviços da iniciativa privada, dirigidos à criação, à produção, à formação e à circulação, faz com que a realidade de produção dos segmentos artísticos ainda apresente como marcas o caráter independente e de guerrilha, o autodidatismo, a improvisação e a disposição colaborativa.

Presente em oito municípios alagoanos, a Ufal reflete muitos dos aspectos da realidade das artes no estado, bem como reproduz o esforço de seus agentes produtores, formadores e consumidores em buscar alternativas para criar e compartilhar suas criações, adquirir novos conhecimentos e aperfeiçoar seus processos de trabalho. A escassez de investimentos econômicos e estruturais e a falta de políticas continuadas, direcionadas, principalmente, aos cursos de Artes e aos espaços culturais da Ufal, limitam o avanço pleno de suas ações, projetos e programas. Mesmo com uma produção artístico-cultural potente em todos os *campi*, sob a forma de ensino, pesquisa e extensão, as artes ainda não possuem um lugar definido no horizonte de prioridades da instituição.

Apesar disso, existe na Universidade uma sementeira de iniciativas que buscam incentivar o floresci-

mento das artes. Parte dessas ações, nascidas da vontade individual ou coletiva de servidores, servidoras, alunos e alunas da instituição vêm causando transformações na vida de muita gente, dentro e fora do meio acadêmico. Em atuação no ambiente da sala de aula, nos espaços culturais e de gestão acadêmico-administrativa, essas pessoas contribuíram e contribuem para democratizar as criações, os saberes e as práticas artísticas como um direito inalienável. Desde a fundação da Ufal, em 1961, até final dos anos 1980, as ideias nascidas, muitas vezes, do altruísmo, da coragem e da resistência dessas pessoas ajudaram a desenhar os contornos atuais do campo das artes que nunca para de germinar. A maioria dessas iniciativas, ocorridas durante o regime da ditadura, demonstra a capacidade de mobilização do fazer artístico.

Dentre todas as conquistas, a criação dos cursos de Artes consolidou o envolvimento da Ufal com a formação e com o desenvolvimento artístico em Alagoas. A oferta de vagas de vestibular para Música e Artes Cênicas: Interpretação Teatral, nos anos 1980, veio do desejo de dezenas de artistas, estudiosos e entusiastas em atender a uma demanda social crescente de profissionalização. A existência hoje dos cursos de licenciatura em Música, Teatro e Dança e a criação da Escola Técnica de Artes, que oferta cursos profissionalizantes nas áreas de Teatro, Música, Dança e Produção de Moda, tornam a Universidade a principal referência em Alagoas no ensino acadêmico e técnico das artes.

Como esquecer, além disso, da ousadia daqueles que sonharam e decidiram criar o Teatro do Estudante Universitário de Alagoas – TEU (1963), Os Corujas (1966), Os Independentes (1967), o Teatro do Instituto de Letras e Artes – Tila (1971), e lutar pela incorporação à Ufal do Teatro Universitário de Alagoas – TUA (1957), em 1973? Como são marcantes, no segmento da música, a organização de programações artísticas pelo Diretório Central dos Estudantes (DCE), como o 1º Festival Universitário de Música Popular (1968); o surgimento do Coro Universitário de Alagoas (CUA), em 1969, pela vontade do maestro Benedito Fonseca, depois oficializado como Corufal, em 1973; o lançamento do Coro Falado (1971), idealizado pelo professor Aloísio Galvão; e a criação da Orquestra de Câmara da Ufal (1981) pelo trabalho dedicado do professor Julião Marques.

Para reavivar a memória, vale lembrar também do papel que teve o Cinufal, nos anos 1970, na exibição de filmes de arte na Sala Guedes de Miranda, no Espaço Cultural Universitário. O contexto de circulação das artes visuais em Alagoas se modificou com a inauguração da Pinacoteca Universitária (1981), que teve como primeiro diretor o artista Rogério Gomes. Impossível imaginar a Universidade hoje sem as conquistas, no segmento de livro e leitura, vindas da institucionalização da Biblioteca Central (1978) e da inauguração da Edefal (1983). Como esquecer da criação dos Grupos Folclóricos de Baiana, Maracatu, Taieira e Pastoril, em 1970, tendo este último a coordenação da professora Maria José Carrascosa, e da abertura do Museu Théo Brandão de Antropologia e Folclore, em 1975, que partiram de olhares sensíveis de respeito aos fazeres e práticas artísticas da chamada cultura popular?

As contribuições desses agentes abriram trilhas para novas formas de convivência em sociedade que recusam a linearidade e o individualismo da sobrevivência. Outras vontades individuais e coletivas da atualidade continuam em luta, no campo de disputas políticas e discursivas da instituição, pela defesa das artes como uma necessidade básica. O florescimento crescente de ações, projetos, disciplinas e laboratórios em diferentes linguagens artísticas fortalece ideias, desejos e sensibilidades para o alcance do bem-estar social da vida coletiva.

** Produtora cultural e organizadora, junto com Elcio Verçosa, do livro dos 50 anos da Ufal*



Renner Boldrino


FUNDEPES

Fundação Universitária de Desenvolvimento
de Extensão e Pesquisa

Onde há **INOVAÇÃO**,
a Fundepes
está presente!



www.fundepes.br

Valorizamos a ciência e a cultura.
Transformamos **recursos** em
oportunidades.

Imagem: freepik.com



Para mais informações:
www.ufal.br

